



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CONSELHO SUPERIOR

**RESOLUÇÃO DO CONSELHO SUPERIOR Nº 18/2019,
DE 1 DE JULHO DE 2019**

ANEXO III – Relatório Individual de Trabalho

Nome: Jacyara Conceição Rosa Mardgan	Matrícula Siape: 1933275
Classe / Nível: D-401	
Lotação: Coordenadoria do Curso Técnico em Agropecuária	
Período de avaliação: 2025/1	

Justificativa de cumprimento

1 - ATIVIDADE DE ENSINO

1.1. - Avaliação discente

- Artes – Nota Final: 37,42
- Filosofia – Nota Final: 36.88
- Disciplina Optativa para o curso de Pós Graduação em Humanidades EAD - “Saberes Ancestrais Epistemologias Outras” - Nota Final:40,00

Média da Nota Final: 38,10

1.2. - Disciplinas Ministradas

- Artes –

- **1ºs anos dos Cursos Técnicos em Agropecuária TAI-I, TAI-II, TAI-III, TAI-IV,**
- **1º ano do Curso Técnico em Agroindústria e**
- **1º ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio –**
 - CH semanal: 6 horas – **CH semestral 120h**

- Filosofia –

- **1ºs anos dos Cursos Técnicos em Agropecuária 1º TAI-I, II, III, IV**
- **1º ano do Curso Técnico em Agroindústria e**
- **1º ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio –**
 - CH semanal: 6 horas – **CH semestral 120h**
- **Pós-Graduação em Humanidades**
 - **Saberes Ancestrais Epistemologias Outras– CH 30h**

2- ATIVIDADE DE APOIO AO ENSINO

2.1 - Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso

- **Discente: Luiz Gonzaga de Andrade Filho** - Curso de Pós Graduação Especialização em Educação em Humanidades – TFC - “Aspectos Raciais e Sociais nas Obras Literária de James Baldwin”
- **Discente: Leandro Aparecido** - Curso de Pós Graduação Especialização em Educação em

Humanidades – TFC - **“Café, Ferrovia E Igreja Ortodoxa: Imigrantes Sírios E Libaneses Na Cidade De Guaxupé Entre 1900 E 1940”**

– **Discente: Anderson Pereira da Costa** - Curso de Pós Graduação Especialização em Educação em Humanidades – TFC - **“Se A Escola Não Me Vê, Então Eu Grito: O Rap Como Linguagem Crítica No Ensino De História Em Uma Perspectiva Decolonial”**

2.8 - Orientação de alunos bolsistas que trabalham em programas de monitoria/nivelamento

- **Monitoria da disciplina Artes/NAC, Processo nº 23149.002722/2025-86 : Discente: Emily Oliveira da Silva - Matrícula: 20241TAI1114**

2.10 - Orientação de alunos bolsistas/voluntários de iniciação pesquisa e/ou extensão.

- Programa de Extensão “Saberes ancestrais e epistemologias outras - novas perspectivas para habitar o mundo” PROCESSO 23149.000429/2022-31/ Programa Entremeios PROCESSO nº 23149.002853/2022-11- **BRUNO HENRIQUE BRASILINO – Curso Tecnologia em Cafeicultura - Plano de Trabalho nº PT24REI648ETG - edital 02/2024 - CH: 20H**

2.14 - Participação na elaboração e reestruturação de projetos pedagógicos

- PORTARIA N.º 130, DE 10 DE ABRIL DE 2025. Comissão de Reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Campus de Alegre do Ifes. (Validade da portaria: 18/08/2025)

2.15 - Participação em Comissões e Conselhos ligados ao ensino

-**PORTARIA N.º 98, DE 19 DE MARÇO DE 2025. Comissão Organizadora da VIII Conferência da Mulher do Ifes** - Campus de Alegre. (Validade da portaria: 30.03.2025)

- PORTARIA Nº 653, DE 13 DE MARÇO DE 2025 – Coordenadora adjunto Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - Neabi do Ifes - Campus de Alegre **(até a presente data)**

- **PORTARIA N.º 324, DE 16 DE JUNHO DE 2025. Comissão Organizadora do V Festival de Tradições Populares do Ifes** - Campus de Alegre. . (Validade da portaria: 04.07.2025)

2.20 - Cumprimento dos prazos estabelecidos para atividades didático-pedagógicas

☒ 75% a 100% ☐ 50 a 74% ☐ menor que 50%

2.21 - Atendimento e participação em reuniões de cunho pedagógico/administrativo -

☒ 75% a 100% ☐ 50 a 74% ☐ menor que 50%

4 - ATIVIDADES DE EXTENSÃO

4.2 - Participação como coordenador de programa ou projeto de extensão apoiado por Instituição Federal

- **Programa de Extensão - “SABERES ANCESTRAIS E EPISTEMOLOGIAS OUTRAS (SAEO) - NOVAS PERSPECTIVAS PARA HABITAR O MUNDO”.** Processo nº 23149.000429/2022-31 reformulado até 2029.

4.3 - Participação como instrutor ou membro executor de programa ou projeto de extensão apoiado por Instituição Federal

- **PORTARIA Nº 1399, DE 23 DE MAIO DE 2024. Participação no Comitê Gestor do Programa em**

Rede Entremeios, para atuar nas atividades de gestão do programa em rede no âmbito do Ifes e da comunidade externa. (até o dia 31/05/2025)

- **Reformulação da portaria PORTARIA Nº 1429, DE 27 DE MAIO DE 2025. Participação no Comitê Gestor do Programa em Rede Entremeios**, para atuar nas atividades de gestão do programa em rede no âmbito do Ifes e da comunidade externa. (até o dia 31/05/2026)

- **Portaria n.º 109, de 28 de março de 2025, reformulada pela PORTARIA N.º 346, DE 2 DE JULHO DE 2025. Presidente do Núcleo de Arte e Cultura do Ifes - Campus de Alegre.** (até o dia 28/03/2027)

5- ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS

5.1- Atividades de desempenho gerencial

5.1.6 - Participação como membro de colegiados didáticos

- **PORTARIA Nº 432, DE 14 DE AGOSTO DE 2024 - Membro do Colegiado do Curso de Pós-graduação Especialização em Educação em Humanidades do Ifes - Campus de Alegre (até 13.08.2026)**

5.1.12 - Membro de comitê assessor Estadual ou Municipal para cultura, ciência e tecnologia

PORTARIA N.º 139, DE 1 DE MARÇO DE 2024 - Conselho Municipal de Política Cultural de Alegre. (até 31.12.2025)

6 – OUTROS

Data:

Assinatura Docente

Assinatura do Coordenador

AVALIAÇÃO DOCENTE

2025/1

JACYARA CONCEIÇÃO ROSA MARDGAN - SIAPE: 1933275

2025/1

DIÁRIO: 536956 - FILOSOFIA I

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	0	0	0	2	4	34

ALUNOS MATRICULADOS: 38 ALUNOS PARTICIPANTES: 4 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 10.53% NOTA DIÁRIO: 39.20

DIÁRIO: 536971 - FILOSOFIA I

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	1	0	0	0	1	0	2	1	15

ALUNOS MATRICULADOS: 37 ALUNOS PARTICIPANTES: 2 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 5.41% NOTA DIÁRIO: 36.60

DIÁRIO: 536986 - FILOSOFIA I

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
2	1	0	1	1	1	4	6	4	16	24

ALUNOS MATRICULADOS: 36 ALUNOS PARTICIPANTES: 6 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 16.67% NOTA DIÁRIO: 33.00

DIÁRIO: 537001 - FILOSOFIA I

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	0	0	0	2	8	0

ALUNOS MATRICULADOS: 36 ALUNOS PARTICIPANTES: 1 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 2.78% NOTA DIÁRIO: 35.20

DIÁRIO: 537017 - FILOSOFIA I

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	0	0	2	5	10	63

ALUNOS MATRICULADOS: 37 ALUNOS PARTICIPANTES: 8 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 21.62% NOTA DIÁRIO: 38.70

DIÁRIO: 537033 - FILOSOFIA I

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	1	1	1	3	2	14	98

ALUNOS MATRICULADOS: 38 ALUNOS PARTICIPANTES: 12 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 31.58% NOTA DIÁRIO: 38.60

QUADRO DE RESUMO

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
2	1	1	1	2	2	6	11	17	53	234

ALUNOS MATRICULADOS: 222 ALUNOS PARTICIPANTES: 33 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 14.86% NOTA FINAL: 36.88

AVALIAÇÃO DOCENTE

2025/1

JACYARA CONCEIÇÃO ROSA MARDGAN - SIAPE: 1933275

2025/1

DIÁRIO: 546062 - SABERES ANCESTRAIS, EPISTEMOLOGIAS OUTRAS

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20

ALUNOS MATRICULADOS: 10 ALUNOS PARTICIPANTES: 2 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 20.00% NOTA DIÁRIO: 40.00

DIÁRIO: 549429 - SABERES ANCESTRAIS EPISTEMOLOGIAS OUTRAS

DISCIPLINA NÃO AVALIADA NO SISTEMA ACADÊMICO

QUADRO DE RESUMO

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20

ALUNOS MATRICULADOS: 10 ALUNOS PARTICIPANTES: 2 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 20.00% NOTA FINAL: 40.00

AVALIAÇÃO DOCENTE

2025/1

JACYARA CONCEIÇÃO ROSA MARDGAN - SIAPE: 1933275

2025/1

DIÁRIO: 536953 - ARTES

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	0	0	3	8	7	72

ALUNOS MATRICULADOS: 38 ALUNOS PARTICIPANTES: 9 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 23.68% NOTA DIÁRIO: 38.58

DIÁRIO: 536968 - ARTES

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	0	0	1	5	5	19

ALUNOS MATRICULADOS: 37 ALUNOS PARTICIPANTES: 3 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 8.11% NOTA DIÁRIO: 37.60

DIÁRIO: 536983 - ARTES

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
3	1	0	1	0	5	9	7	6	20	48

ALUNOS MATRICULADOS: 36 ALUNOS PARTICIPANTES: 10 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 27.78% NOTA DIÁRIO: 33.60

DIÁRIO: 536998 - ARTES

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	1	0	0	1	9	19

ALUNOS MATRICULADOS: 36 ALUNOS PARTICIPANTES: 3 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 8.33% NOTA DIÁRIO: 37.87

DIÁRIO: 537014 - ARTES

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	1	2	1	2	9	18	117

ALUNOS MATRICULADOS: 37 ALUNOS PARTICIPANTES: 15 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 40.54% NOTA DIÁRIO: 38.35

DIÁRIO: 537029 - ARTES

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	2	1	4	10	17	136

ALUNOS MATRICULADOS: 38 ALUNOS PARTICIPANTES: 17 PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 44.74% NOTA DIÁRIO: 38.52

DIÁRIO: 537251 - ARTES

DISCIPLINA NÃO AVALIADA NO SISTEMA ACADÊMICO

QUADRO DE RESUMO

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
3	1	0	1	1	10	11	17	39	76	411

ALUNOS MATRICULADOS: 222

ALUNOS PARTICIPANTES: 57

PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 25.68%

NOTA FINAL: 37.42

HORÁRIO 2025/1

CURSOS TÉCNICOS E DE GRADUAÇÃO

Professor(a): Jacyara Conceição Rosa Mardgan

Horário	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
7h20min					Artes 1º TAI IV Prédio Principal Sala 4
8h10min					Artes 1º TII Prédio Principal Sala 6
9h00min		Filosofia I 1º TAI I Prédio Principal Sala 1		Filosofia I 1º TAI III Prédio Principal Sala 3	Filosofia I 1º TGI Prédio Principal Sala 5
10h10min		Artes 1º TAI II Prédio Principal Sala 2			Filosofia I 1º TII Prédio Principal Sala 6
11h00min					Filosofia I 1º TAI IV Prédio Principal Sala 4
13h00min		Artes 1º TAI I Prédio Principal Sala 1		Filosofia I 1º TAI II Prédio Principal Sala 2	
13h50min		Artes 1º TAI III Prédio Principal Sala 3		Artes 1º TGI Prédio Principal Sala 5	
14h40min					
15h40min					
16h30min					

Quadro de Distribuição de Carga Horária

COMPONENTE CURRICULAR	CURSO	SÉRIE/ PERÍODO	SEM 1	SEM 2
Artes	TAI	1º TAI I	1	1
Filosofia I	TAI	1º TAI I	1	1
Artes	TAI	1º TAI II	1	1
Filosofia I	TAI	1º TAI II	1	1
Artes	TAI	1º TAI III	1	1
Filosofia I	TAI	1º TAI III	1	1
Artes	TAI	1º TAI IV	1	1
Filosofia I	TAI	1º TAI IV	1	1
Artes	TGI	1º TGI	1	1
Filosofia I	TGI	1º TGI	1	1
Artes	TII	1º TII	1	1
Filosofia I	TII	1º TII	1	1
			12	12



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Avenida Rio Branco, 50 – Santa Lúcia – 29056-264 – Vitória – ES
27 3357-7500

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTUDANTE BOLSISTA

Pelo presente TERMO DE COMPROMISSO, o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - Ifes, através da Pró-reitoria de Extensão, confere bolsa de iniciação à extensão ao/à ESTUDANTE, conforme os termos do Edital em que o referido PLANO DE TRABALHO foi submetido e aprovado:

Dados Pessoais*							
Nome completo:	BRUNO HENRIQUE BRASILINO						
CPF:	082.980.459-55	RG:	12. 474.727-9	Órgão emissor/UF:	SSP-PR	Data de nascimento:	02/02/1993
Curso:	TECNOLOGIA EM CAFEICULTURA			Período/A no:	6º	Campus:	ALEGRE
E-mail:	brunobrasilino02@gmail.com		Link Lattes:	http://lattes.cnpq.br/8555018527765624			
Dados Bancários*							
Banco:	Agência:		Operação** / Conta:		Tipo de Conta:		
104 - CAIXA	3880		1288 – 981747463-7		Corrente	() Poupança	(X)
Dados do Plano de Trabalho*							
Nº Plano de Trabalho (PT):	PT24REI648ETG		Nº do Edital:	02/2024	Carga horária semanal do(a) estudante:		20h
Tipo de Bolsa:	() EXT-D (X) ETG () EJ2 () EJ1 () EFC () Outro (especificar):						
Orientador(a):	JACYARA CONCEIÇÃO ROSA MARDGAN					CPF:	072.758.297-62
Servidor(a):	Docente			Técnico Administrativo			
	(X)			()			
O presente TERMO DE COMPROMISSO não caracteriza relação de emprego, podendo, a todo o momento, ser denunciado unilateralmente por ambas as partes, no caso de descumprimento pelos compromissados de qualquer das obrigações por eles assumidas, declaradas abaixo e requeridas em normativas e editais relacionados a esta concessão de bolsa.							
Declaração do(a) estudante							
Declaro conhecer e estar de acordo com os requisitos e compromissos gerais expressos no Edital em que o PLANO DE TRABALHO que vou desenvolver foi aprovado, e também: a. redigir e apresentar, no prazo fixado pela coordenação do programa ao qual estiver vinculado, os relatórios parciais e finais, retratando a evolução e a execução do trabalho consignado no plano de trabalho; b. nas publicações e trabalhos apresentados, fazer referência à condição de bolsista do programa ao qual estiver vinculado, mencionando a agência de origem da bolsa; c. não acumular bolsa de qualquer natureza, exceto as de modalidades assistenciais para auxílio a estudante; d. devolver ao Ifes ou às agências de fomento, em valores atualizados, as mensalidades recebidas indevidamente, caso os requisitos e compromissos estabelecidos não sejam cumpridos; e. apresentar o desenvolvimento e os resultados do PLANO DE TRABALHO, em seu ano de conclusão, na Jornada de Extensão do Ifes.							
Declaração do(a) orientador(a)							
Declaro conhecer e estar de acordo com os requisitos e compromissos gerais expressos nas normativas institucionais e no edital em que o PLANO DE TRABALHO que vou orientar foi selecionado. Me comprometo a encaminhar, em tempo hábil, a ação de extensão que envolva desenvolvimento tecnológico com características inovadoras deve resguardar, de acordo com as normas internas e legislação vigente, os direitos da propriedade intelectual na forma de direitos de patente de invenção, patente modelo de utilidade, registros de desenho industrial, registro de programas de computador, de marcas, direitos autorais e de imagem para titularidade do Ifes. Declaro também que não oriento cônjuge, companheiro ou parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau, inclusive.							
Local e data:	ALEGRE – ES, 18 DE OUTUBRO DE 2024						
 Documento assinado digitalmente JACYARA CONCEICAO ROSA MARDGAN Data: 18/10/2024 11:23:23-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br							
Assinatura do(a) orientador(a)				Assinatura do(a) estudante			
Este documento é: (marque um "X")	(X) Primeira indicação do(a) estudante acima referido						
	() Substituição do(a) estudante: (informar ao lado o nome do(a) estudante que está saindo)			Nome do(a) estudante substituído			

* Todos os campos devem ser digitados e são de preenchimento obrigatório.

** Especificar operação se a conta for da Caixa Econômica Federal.



Ministério da Educação
Instituto Federal do Espírito Santo
Campus de Alegre

PORTARIA N.º 98, DE 19 DE MARÇO DE 2025

O DIRETOR-GERAL DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
– **CAMPUS DE ALEGRE**, nomeado por meio da Portaria n.º 1.993, de 22 de novembro de 2021, publicada no Diário Oficial da União de 23 de novembro de 2021, no uso das atribuições que lhe confere a Portaria n.º 1.070, de 5 de junho de 2014, e considerando o contido no OFÍCIO N.º 32 / 2025 - ALE-DIREN,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir a comissão Organizadora da VIII Conferência da Mulher do Ifes - Campus de Alegre.

Art. 2º Ficam designados os servidores abaixo relacionados para, sob a presidência do primeiro, compor a comissão de que trata o art. 1º desta Portaria:

- I- KAREN MUNIZ FERIGUETTI, matrícula SIAPE 1033858;
- II- ALINE PRUCOLI DE SOUZA, matrícula SIAPE 1933275;
- III- ARLINDO RODRIGUES PICOLI, matrícula SIAPE 1440963;
- IV- JACYARA CONCEIÇÃO ROSA MARDGAN, matrícula SIAPE 1933275;
- V- RENATA ALVES DA SILVA, matrícula SIAPE 3244935;
- VI- SELSO VIEIRA FARIAS JUNIOR, matrícula SIAPE 3438975;
- VII- THIAGO REIS MARQUES RIBEIR, matrícula SIAPE 1387580;
- VIII- WALLACE CAPRA DE ASSIS - 20241slbio0024.

Art. 3º Conceder aos membros elencados no art. 1º desta Portaria a carga horária semanal de 30 minutos, a fim de que se dediquem às atividades da comissão.

Art. 4º A comissão ora designada deverá concluir os trabalhos até 30.03.2025.

Art. 5º A comissão extinguir-se-á se alcançada a finalidade a ela atribuída ou expirado o prazo previsto para sua duração.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Sistema de Gestão e Geração de Documentos (GeDoc).

ROMULO MATOS DE MORAES
Diretor-Geral





Ministério da Educação
Instituto Federal do Espírito Santo
Campus de Alegre

PORTARIA N.º 130, DE 10 DE ABRIL DE 2025

O DIRETOR-GERAL DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – CAMPUS DE ALEGRE, nomeado por meio da Portaria n.º 1.993, de 22 de novembro de 2021, publicada no Diário Oficial da União de 23 de novembro de 2021, no uso das atribuições que lhe confere a Portaria n.º 1.070, de 5 de junho de 2014, e considerando o contido no OFÍCIO N.º 42 / 2025 - ALE-DIREN,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir a Comissão de Reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Campus de Alegre do Ifes.

Art. 2º Ficam designados os servidores abaixo relacionados para, sob a presidência do primeiro, compor a comissão de que trata o art. 1º desta Portaria:

- I. LUIZ FLAVIO VIANNA SILVEIRA, matrícula SIAPE 4316392;
- II. CÉSAR OTAVIANO PENNA JUNIOR, matrícula SIAPE 2846425;
- III. DIEGO CEOLIN, matrícula SIAPE 1891221;
- IV. GHEILA CORRÊA FERRES BAPTESTINI, matrícula SIAPE 3083265;
- V. IGOR DE OLIVEIRA COSTA, matrícula SIAPE 2057720;
- VI. JACYARA CONCEICAO ROSA MARDGAN, matrícula SIAPE 1933275;
- VII. KÊNIA TEIXEIRA PASSOS RANGEL, matrícula SIAPE 1899356;
- VIII. MARCUS ANTONIO SANTOLIN, matrícula SIAPE 1293346;
- IX. NAILSON PINTO DE OLIVEIRA, matrícula SIAPE 1889243;
- X. VERIDIANA BASONI SILVA, matrícula SIAPE 1043467;
- XI. WALLACE LUIS DE LIMA, matrícula SIAPE 1669458.

Art. 3º Conceder aos membros elencados no art. 1º desta Portaria a carga horária semanal de 01 (uma) hora, a fim de que se dediquem às atividades da comissão.

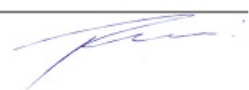
Art. 4º A comissão ora designada deverá concluir os trabalhos até 18.08.2025.

Art. 5º A comissão extinguir-se-á se alcançada a finalidade a ela atribuída ou expirado o prazo previsto para sua duração.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Sistema de Gestão

e Geração de Documentos (GeDoc).

ROMULO MATOS DE MORAES
Diretor-Geral





Ministério da Educação
Instituto Federal do Espírito Santo
Campus de Alegre

PORTARIA N.º 139, DE 1 DE MARÇO DE 2024

O DIRETOR-GERAL DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – CAMPUS DE ALEGRE, nomeado por meio da Portaria n.º 1.993, de 22 de novembro de 2021, publicada no Diário Oficial da União de 23 de novembro de 2021, no uso das atribuições que lhe confere a Portaria n.º 1.070, de 5 de junho de 2014, e considerando o contido no OFÍCIO Nº 34/ COMPAC/23,

RESOLVE:

Art. 1º Designar os servidores abaixo relacionados para representar o Ifes - Campus de Alegre no Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Alegre:

- I- JACYARA CONCEIÇÃO ROSA MARDGAN, matrícula SIAPE 1933275 (titular);
- II- ARAMIS CORTES DE ARAUJO JUNIOR, matrícula SIAPE 1811853 (suplente).

Art. 2º Conceder aos membros elencados no art. 1º desta Portaria a carga horária semanal de 30 (trinta) minutos, a fim de que se dediquem às atividades da comissão.

Art. 3º Fica revogada a Portaria n.º 313, de 12 de junho de 2023.

Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Sistema de Gestão e Geração de Documentos (GeDoc).

ROMULO MATOS DE MORAES
Diretor-Geral



Ministério da Educação
Instituto Federal do Espírito Santo
Campus de Alegre

PORTARIA N.º 324, DE 16 DE JUNHO DE 2025

O DIRETOR-GERAL DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
– **CAMPUS DE ALEGRE**, nomeado por meio da Portaria n.º 1.993, de 22 de novembro de 2021, publicada no Diário Oficial da União de 23 de novembro de 2021, no uso das atribuições que lhe confere a Portaria n.º 1.070, de 5 de junho de 2014, e considerando o contido no OFÍCIO N.º 63 / 2025 - ALE-DIREN,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir a Comissão Organizadora do V Festival de Tradições Populares do Ifes - Campus de Alegre.

Art. 2º Ficam designados os servidores abaixo relacionados para, sob a presidência do primeiro, compor a comissão de que trata o art. 1º desta Portaria:

- I- JOÃO PAULO BESTETE DE OLIVEIRA, matrícula SIAPE 1914523;
- II- DANIELI MARCOLAN CARARI, matrícula SIAPE 1916738;
- III- JACYARA CONCEIÇÃO ROSA MARDGAN, matrícula SIAPE 1933275;
- IV- MAURICIO PAIVA, matrícula SIAPE 310661;
- V- NAILSON PINTO DE OLIVEIRA, matrícula SIAPE 1889243;
- VI- ALEXANDRE CRISTIANO SANTOS JUNIOR, matrícula SIAPE 1582155;
- VII- TATIANE MOULIN, matrícula SIAPE 2081503;
- VIII- THAIS VIANNA SILVA, matrícula SIAPE 1342527.

Art. 3º Conceder aos membros elencados no art. 1º desta Portaria a carga horária semanal de 30 (trinta minutos), a fim de que se dediquem às atividades da comissão.

Art. 4º A comissão ora designada deverá concluir os trabalhos até 04.07.2025.

Art. 5º A comissão extinguir-se-á se alcançada a finalidade a ela atribuída ou expirado o prazo previsto para sua duração.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Sistema de Gestão e Geração de Documentos (GeDoc).

ROMULO MATOS DE MORAES
Diretor-Geral





Ministério da Educação
Instituto Federal do Espírito Santo
Campus de Alegre

PORTARIA N.º 346, DE 2 DE JULHO DE 2025

O DIRETOR-GERAL DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – CAMPUS DE ALEGRE, nomeado por meio da Portaria n.º 1.993, de 22 de novembro de 2021, publicada no Diário Oficial da União de 23 de novembro de 2021, no uso das atribuições que lhe confere a Portaria n.º 1.070, de 5 de junho de 2014, e considerando o contido no Processo n.º 23149.002570/2025-11 e no OFÍCIO Nº 1 / 2025 - ALE-CEX,

RESOLVE:

Art. 1º O Anexo I à Portaria n.º 109, de 28 de março de 2025, referente à reestruturação do Núcleo de Arte e Cultura do Ifes - Campus de Alegre, passa a vigorar com as alterações constantes no Anexo desta Portaria.

Art. 2º Ficam mantidos os demais termos da Portaria n.º 109, de 28 de março de 2025.

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Sistema de Gestão e Geração de Documentos (GeDoc).

ROMULO MATOS DE MORAES
Diretor-Geral

Anexo I - PORTARIA N.º 346, DE 02 DE JULHO DE 2025.



Ministério da Educação
Instituto Federal do Espírito Santo
Campus de Alegre

COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO DE ARTE E CULTURA (NAC) DO IFES - CAMPUS DE ALEGRE

COORDENADORA-GERAL		
Nome	Matrícula SIAPE	Carga horária semanal
Jacyara Conceição Rosa Mardgan	1933275	8 horas

COMITÊ DE APOIO - MEMBROS		
Nomes		Identificação
REPRESENTANTES DISCENTES DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO		MATRÍCULA
TITULAR	Juliana de Faria Goronci	20251SCAFE0001
SUPLENTE	Bruno Henrique Brasilino	20241SCAFE0005
REPRESENTANTES DISCENTES DOS CURSOS TÉCNICOS		MATRÍCULA
TITULAR	Anna Luiza Ferreira Pinto	20241TAI1254
SUPLENTE	Guilherme Lucio Pope	20241TAI0037
REPRESENTANTE DA COORDENADORIA DE EXTENSÃO		SIAPE
Otacílio José Passos Rangel		1528087
REPRESENTANTES DE SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS		SIAPE
TITULARES	Karina Miranda Pereira	3286067
	Luciana Prata da Paschoa	1651256
	Mayra Santos Braga	3405723
SUPLENTE	Rodrigo Gonçalves Barbosa	2247606
REPRESENTANTES DE SERVIDORES DOCENTES		SIAPE
TITULARES	Selso Vieira Farias Junior	3438975
	João Paulo Bestete de Oliveira	1914523
SUPLENTE	Nailson Pinto de Oliveira	1889243
REPRESENTANTES DA COMUNIDADE EXTERNA		CPF
TITULAR	Rosimar Silva Domingos	***.741.***-54
SUPLENTE	Paulo Sérgio Medeiros Barbosa	***.548.***-49



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
REITORIA

PORTARIA Nº 653, DE 13 DE MARÇO DE 2025.

O REITOR DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO, nomeado pelo Decreto MEC de 19.10.2021, publicado no DOU de 20.10.2021, seção 2, página 1, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Art. 1º Designar membros para comporem o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - Neabi do Ifes - Campus de Alegre, conforme relação constante no Anexo I desta portaria.

Art. 2º Na destinação de carga horária semanal aos integrantes do Neabi, observar-se-á o disposto no art. 15 da Resolução do Conselho Superior n.º 27/2020, de 28 de julho de 2020.

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Sistema de Gestão e Geração de Documentos (GeDoc).

JADIR JOSE PELA
Reitor

Anexo I – Portaria n.º 653, de 13 de março de 2025.



Ministério da Educação
Instituto Federal do Espírito Santo
Reitoria

**COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS - NEABI DO IFES –
CAMPUS DE ALEGRE**

Coordenador Geral		
Nome	Matrícula	Carga horária semanal
Karen Muniz Feriguetti	SIAPE 1033858	8 horas

Coordenador Adjunto		
Nome	Matrícula	Carga horária semanal
Jacyara Conceição Rosa Mardgan	SIAPE 1933275	6 horas

Secretária		
Nome	Matrícula	Carga horária semanal
Renata Alves da Silva	SIAPE 3244935	4 horas

Membros		
Nome	Matrícula	Carga horária semanal
Adilson Silva Santos	SIAPE 2101005	4 horas
Aline Prucoli de Souza	SIAPE 1031859	
Angela Maria do Amaral Abreu Carvalho	SIAPE 1586317	
Aramis Cortes de Araujo Junior	SIAPE 1811853	
Glaucia Maria Ferrari	SIAPE 2219300	
Julia Paula Nascimento de Souza Pinheiro	SIAPE 3142247	
Karina Miranda Pereira	SIAPE 3286067	
Mayra Santos Braga	SIAPE 3405723	
Oseias Soares Ferreira	SIAPE 1004921	
Romulo Matos de Moraes	SIAPE 2916996	
Thiago Reis Marques Ribeiro	SIAPE 1387580	

Representação Discente	
Nome	Matrícula
Adriana Moraes Beloni	20241SLBIO0024
Enzo de Castro Mendel	20231SLBIO017
Tiago da Silva dos Santos	20241STADS012
Vitória Moreira da Costa Silva	20201SLBIO027

Representação Comunidade Externa	
Nome	CPF
Geosanio Rodrigues Braga	***.242.***-70
Joelma Andreão de Cerqueira	***.314.***-28
Joatan Nunes Machado Junior	***.744.***-48
Kauã Souza Neves	***.688.***-58



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
REITORIA

PORTARIA Nº 1399, DE 23 DE MAIO DE 2024.

O REITOR DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO, nomeado pelo Decreto MEC de 19.10.2021, publicado no DOU de 20.10.2021, seção 2, página 1, no uso de suas atribuições legais e conforme o contido no Processo 23149.002853/2022-11,

RESOLVE:

Art. 1º Designar os servidores abaixo relacionados para, sob a presidência do primeiro, comporem o Comitê Gestor do Programa em Rede Entremeios, para atuar nas atividades de gestão do programa em rede no âmbito do Ifes e da comunidade externa.

- a) MARCOS LUIS CHRISTO, matrícula SIAPE 2340860;
- b) FABIENE PASSAMANI MARIANO, matrícula SIAPE 2278950;
- c) GLAUDERTONE ANDRADE BARCELLOS, matrícula SIAPE 1816133;
- d) JACYARA CONCEIÇÃO ROSA MARDGAN, matrícula SIAPE 1933275;
- e) MÁRCIO DE PAULA FILGUEIRAS, matrícula SIAPE 1691693;
- f) NICIANE ESTEVAO CASTRO, matrícula SIAPE 1769079.

Art. 2º Atribuir à comissão o prazo até o dia 31/05/2025 para a realização dos trabalhos.

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JADIR JOSE PELA
Reitor



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
REITORIA

PORTARIA Nº 1429, DE 27 DE MAIO DE 2025.

O REITOR DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO, nomeado pela Decreto MEC de 19.10.2021, publicado no DOU de 20.10.2021, seção 2, página 1, no uso de suas atribuições legais

RESOLVE:

Art. 1º Alterar a Portaria nº 1399, de 23.05.2024, referente à designação do Comitê Gestor do Programa em Rede Entremeios, que passa a vigorar conforme a relação constante em Anexo.

Art. 2º Ficam mantidos os demais termos da referida portaria.

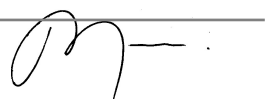
Art. 3º Atribuir ao comitê o prazo até o dia 31/05/2026 para a realização dos trabalhos.

JADIR JOSE PELA
Reitor

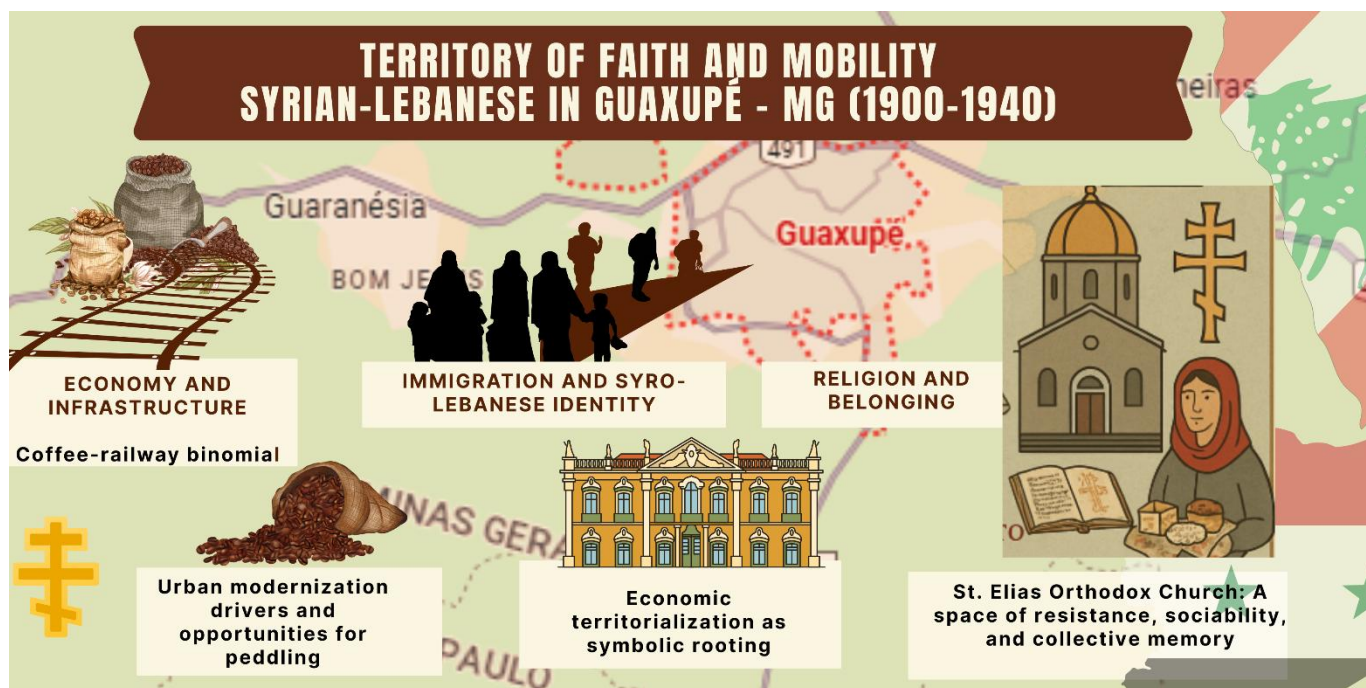
Assinatura manuscrita em tinta preta, consistindo de uma letra 'M' estilizada seguida de uma linha horizontal.

Anexo à portaria 1429/2025

- a) MARCOS LUIS CHRISTO, matrícula SIAPE 2340860; (coordenador)
- b) ADRIANA PIN, matrícula SIAPE 1586398;
- c) GLAUDERTONE ANDRADE BARCELLOS, matrícula SIAPE 1816133;
- d) JACYARA CONCEIÇÃO ROSA MARDGAN, matrícula SIAPE 1933275;
- e) MARIANA DE ARAUJO AGUIAR, matrícula SIAPE 1832591;
- f) NICIANE ESTEVAO CASTRO, matrícula SIAPE 1769079.



GRAPHICAL ABSTRACT



<Insira aqui o texto descritivo do Graphical Abstract (de 1 a 2 linhas, em inglês)>

CAFÉ, FERROVIA E IGREJA ORTODOXA: IMIGRANTES SÍRIOS E LIBANESES NA CIDADE DE GUAXUPÉ ENTRE 1900 E 1940

COFFEE, RAILWAY AND ORTHODOX CHURCH: SYRIAN AND LEBANESE IMMIGRANTS IN THE CITY OF GUAXUPÉ BETWEEN 1900 AND 1940

Autor 1 (inseridos somente após o aceite) ¹, Autor 2 (inseridos somente após o aceite), ² e Autor 3 (inseridos somente após o aceite), ³

¹Aqui vai o endereço. Lembre-se de que a menor unidade usada deve ser o departamento ou coordenação (não citar laboratório, grupo, programa de pós-graduação etc), depois instituto (se

- Manter o logo (bolinha verde) para os autores que possuem o ORCID. Preencher conforme abaixo:

ORCID – João D. de Almeida: <https://orcid.org/0000-0012-3645-795X>

houver), depois universidade. Sempre tudo por extenso. Exemplo: Coordenadoria de Engenharia Mecânica, Instituto Federal do Espírito Santo Campus São Mateus, 29032-540 São Mateus – ES, Brasil

² Caso haja autores de outro instituto ou outro campus da instituição, separar os autores por endereço, como foi feito aqui. Nesse caso, aqui entra o endereço de Maria C. Cavalcante

* (inserir o e-mail do autor correspondente)

Artigo submetido em XX/XX/XXXX, aceito em XX/XX/XXXX e publicado em XX/XX/XXXX.

Resumo: Este artigo examina a imigração sírio-libanesa em Guaxupé (MG), entre 1900 e 1940, destacando como a articulação entre economia cafeeira, expansão ferroviária e religião moldou processos de inserção social e de construção identitária. Argumenta-se que a cafeicultura e a ferrovia não apenas atraíram fluxos migratórios, mas também redefiniram hierarquias sociais e abriram brechas de mobilidade para os imigrantes. Nesse cenário, a Igreja Ortodoxa Antioquina Santo Elias Profeta configurou-se como espaço de coesão comunitária, resistência cultural e produção simbólica de pertencimento. A pesquisa fundamenta-se em análise documental e bibliográfica, dialogando com Haesbaert (2014), Raffestin (1993), Santos (1999) e Saquet (2013) para compreender o território como construção social e simbólica, e com Bourdieu (1998), Hall (2011) e Sayad (1998) para problematizar a experiência migratória como processo de negociações identitárias. Conclui-se que os sírio-libaneses não foram apenas agentes econômicos, mas protagonistas da reconfiguração da paisagem urbana e da territorialização simbólica em uma cidade média do interior mineiro.

Palavras-chave: Imigração síria-libanesa; Binômio café-ferrovia; Território; Identidade; Religião Ortodoxa.

Abstract: This article analyzes Syrian-Lebanese immigration to Guaxupé (Minas Gerais, Brazil) between 1900 and 1940, emphasizing how the interplay between the coffee economy, railway expansion, and religion shaped processes of social integration and identity construction. It argues that coffee and railway dynamics not only attracted migration flows but also redefined social hierarchies while opening avenues of mobility for immigrants. Within this framework, the Antiochian Orthodox Church of Saint Elias the Prophet emerged as a space of community cohesion, cultural resistance, and symbolic production of belonging. The research is based on documentary and bibliographical analysis, drawing on Haesbaert (2014), Raffestin (1993), Santos (1999) and Saquet (2013) to conceptualize territory as a social and symbolic construction, and on Bourdieu (1998), Hall (2011) and Sayad (1998) to approach migration as a process of identity negotiation. The study concludes that Syrian-Lebanese immigrants were not merely economic actors but key agents in reshaping the urban landscape and producing symbolic territorialization in a medium-sized city of the Brazilian countryside.

Keywords: Syrian-Lebanese immigration; Coffee-railway binomial; Territory; Identity; Orthodox religion.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a imigração síria e libanesa no Brasil vêm se consolidando nas últimas décadas, sobretudo em perspectivas históricas, sociológicas e antropológicas que problematizam identidade, inserção econômica e dinâmicas de assimilação (Truzzi, 2009; Lesser, 2001). Entretanto, a maior parte dessa produção concentra-se nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, relegando a segundo plano experiências desenvolvidas em cidades médias e no interior do país (Knowlton, 1960). Predominam análises fragmentadas, de cunho econômico ou cultural, que frequentemente negligenciam mediações religiosas e territoriais, fundamentais para compreender a complexidade do fenômeno migratório. Trabalhos recentes (Aseff, 2024; Coutinho, 2022; Pitts Jr., 2006) apontam para a necessidade de abordagens mais

abrangentes, capazes de integrar múltiplas dimensões da experiência migratória. Nesse sentido, a construção identitária sírio-libanesa deve ser entendida como processo multidimensional, no qual religião, redes de sociabilidade, afetos e apropriação simbólica do espaço urbano se entrelaçam, configurando o imigrante como ator social plural.

A cidade de Guaxupé¹, situada no sudoeste de Minas Gerais, destacou-se, ao longo da primeira metade do século XX, por um intenso processo de expansão urbana e econômica. Esse dinamismo manifestou-se na cafeicultura, que em 1920 já contabilizava mais de 5,3 milhões de pés de café, e no escoamento ferroviário, cujo volume transportado aumentou de 4.692 toneladas em 1904 para 19.170 em 1916. O crescimento populacional confirma essa tendência: de 13.059 habitantes em 1920, Guaxupé alcançou 23.696 em 1940

¹ O estudo sobre Guaxupé resulta de vínculos pessoais e da percepção de seu papel histórico no início do século XX. Localizada a 60 km da minha cidade natal, Itamogi-MG, Guaxupé foi meu lar entre 2003 e 2005, período em que cursei a licenciatura em História. Nesse tempo, tornou-se evidente como a cafeicultura e a ferrovia, embora desativada desde 1977, haviam transformado a cidade em um polo regional dinâmico, capaz de

- Manter o logo (bolinha verde) para os autores que possuem o ORCID. Preencher conforme abaixo:

ORCID – João D. de Almeida: <https://orcid.org/0000-0012-3645-795X>

atrair diferentes fluxos migratórios. Nesse contexto, a presença sírio-libanesa, marcada inicialmente pela mascateação e pelo comércio, despertou meu interesse acadêmico e originou meu primeiro trabalho de pesquisa, motivado pela curiosidade intelectual e pelas memórias locais que evidenciavam o entrelaçamento entre economia, religião e identidade na formação da cidade.

(Rodrigues, 2024). Nesse cenário de prosperidade e transformação, a presença sírio-libanesa também se consolidou, passando de cerca de 170 famílias no início do século XX para mais de 400 em meados da década de 1940 (Valle e Valle, 1984).

Este estudo analisa a experiência sírio-libanesa em Guaxupé, entre 1900 e 1940, com foco na articulação entre café e ferrovia, na territorialização simbólica promovida pela Igreja Ortodoxa Santo Elias Profeta e nos processos de resignificação identitária. O caso da cidade revela singularidades em relação a outros centros receptores de imigrantes, pois seu território é compreendido como uma totalidade social (Santos, 1999), configurada pela interação entre elites agrárias, infraestrutura ferroviária e práticas que redefiniram o espaço urbano. Nesse contexto, a religião não se limita à dimensão espiritual, mas atua como instância de mediação simbólica, na qual se articulam poder, identidade e pertencimento (Bourdieu, 1998; Raffestin, 1993).

O objetivo deste estudo é analisar de que maneira a Igreja Ortodoxa Santo Elias Profeta contribuiu para a territorialização e a preservação identitária dos sírio-libaneses

em Guaxupé, entre 1900 e 1940, em articulação com os fatores econômicos e sociais do período, evidenciando o espaço religioso como núcleo estruturante de sociabilidade e resistência cultural. A hipótese que orienta o trabalho sustenta que o espaço religioso atuou como núcleo estruturante de sociabilidade e resistência cultural, desempenhando papel central na afirmação identitária da comunidade diante das pressões de assimilação².

Metodologicamente, adota-se abordagem qualitativa de orientação historiográfica, fundamentada na análise documental e bibliográfica. Foram mobilizados registros da Paróquia Ortodoxa Santo Elias Profeta, almanaques regionais e periódicos da época bem como estudos clássicos e contemporâneos sobre imigração. O referencial teórico articula os conceitos de território como construção social e simbólica (Raffestin, 1993; Santos, 1999; Saquet, 2013), identidade em contextos migratórios (Bourdieu, 1998; Hall, 2011; Lesser, 2001; Sayad, 1998) e campos sociais transnacionais (Portes *et al.*, 1999), em diálogo com a bibliografia especializada sobre imigração síria e libanesa no Brasil

² A assimilação religiosa refere-se ao processo pelo qual comunidades migrantes incorporam práticas, símbolos e rituais da religião majoritária da sociedade receptora, muitas vezes motivadas por pressões sociais, busca de aceitação ou conveniência cultural. No caso sírio-libanês, isso implicou a

gradual adesão de parte das novas gerações à Igreja Católica Romana, sem que isso significasse a completa ruptura com a memória ortodoxa, mas sim uma negociação entre preservação identitária e integração social (Hall, 2011).

(Aseff, 2024; Gattaz, 2012; Pitts Jr., 2006; Truzzi, 2009).

O texto organiza-se em quatro seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira discute o território como construção social e simbólica, estabelecendo o referencial teórico da análise. A segunda examina a centralidade da cafeicultura e da ferrovia na configuração econômica e territorial de Guaxupé no início do século XX. A terceira analisa as trajetórias dos imigrantes sírio-libaneses e as estratégias de territorialização no espaço urbano. A quarta aprofunda a compreensão do papel da Igreja Ortodoxa na consolidação de vínculos comunitários e na afirmação identitária do grupo.

2 O TERRITÓRIO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL E SIMBÓLICA

O território ultrapassa a dimensão meramente geográfica, constituindo-se como mediador de relações sociais, políticas, econômicas e culturais. Para Raffestin (1993), trata-se de um campo dinâmico de disputas e poder, no qual práticas cotidianas e estruturas institucionais se entrelaçam. Reis (2005) concebe-o como construção relacional e processual, marcada por apropriações, resistências e produção de sentidos. Saquet (2013) aprofunda essa leitura ao distinguir formas concretas (infraestruturas,

edificações) e relações historicamente constituídas, mostrando que a territorialização resulta da articulação entre materialidade e representações. Santos (1999) entende o território como totalidade em que se expressam as forças sociais, enquanto Cataia (2011) o define como híbrido, fruto da interação contínua entre técnica, política e cultura.

Haesbaert (2014) enfatiza a noção de multiterritorialidade, destacando que os sujeitos transitam e se inscrevem em diferentes territórios simultaneamente, como econômico, religioso, cultural e político, em um jogo de sobreposição e resignificação que complexifica a experiência do pertencimento. Nessa mesma direção, Bourdieu (1998) observa que os espaços sociais, inclusive o território, constituem arenas de disputas simbólicas, nas quais diferentes grupos buscam impor significados legítimos e converter recursos em capital simbólico e reconhecimento.

Neste estudo, o território é compreendido a partir da articulação entre dimensões materiais e simbólicas: como totalidade social (Santos, 1999), como espaço de poder (Raffestin, 1993), como campo híbrido redefinido por mediações entre infraestrutura e práticas culturais (Cataia, 2011) e como configuração múltipla de territorialidades sobrepostas (Haesbaert, 2014). Essa concepção ganha

concretude em Guaxupé, onde a ferrovia, planejada inicialmente como instrumento de reprodução da elite cafeeira, foi ressignificada pelos imigrantes sírio-libaneses como canal de mobilidade social e expansão de suas redes de mascateação³. Nesse processo, a mascateação não se restringiu à atividade econômica, mas constituiu uma forma de territorialização simbólica, ao permitir que os imigrantes ocupassem as ruas centrais, projetassem visibilidade social e imprimissem novas marcas identitárias ao espaço urbano.

A identidade, nesse quadro, deve ser compreendida como prática relacional, construída na fronteira entre apropriação e resistência. Pesavento (2004) lembra que identidades se forjam em práticas e representações que delimitam fronteiras simbólicas e renovam pertencimentos. De forma semelhante, Hall (2011) entende a identidade cultural como processo em constante transformação, atravessado por negociações e deslocamentos que inviabilizam concepções fixas ou essencializadas. Inserida nesse contexto, a Igreja Ortodoxa não se restringiu às demandas espirituais: tornou-se espaço de

poder, mediação cultural e afirmação coletiva diante da hegemonia católica.

Sayad (1998) observa que a migração implica reconfiguração identitária no território de acolhimento, impondo estratégias de enraizamento e de produção de sentido. Em Guaxupé, a experiência sírio-libanesa deve ser compreendida como prática ativa de territorialização simbólica: por meio das celebrações religiosas, dos ritos litúrgicos, do uso cotidiano do árabe e das festividades comunitárias, os imigrantes inscreveram novas marcas culturais na cidade. Essas práticas não apenas reforçaram laços de pertencimento interno, mas também redefiniram fronteiras identitárias diante da hegemonia católica, transformando a religião em instância de mediação simbólica e de afirmação coletiva.

3. CAFÉ, FERROVIA E A CIDADE DE GUAXUPÉ

A formação urbana de Guaxupé remonta à doação de terras para a construção de uma capela em 1837, vinculando-se às rotas de tropeiros e à

³ A mascateação é uma prática itinerante de venda urbana e rural, de baixo capital inicial, alta mobilidade e giro rápido (Gattaz, 2012). Em Guaxupé, a conexão ferroviária e a proximidade das fazendas cafeeiras ampliaram o raio de ação dos mascates, que teceram redes de confiança entre campo e cidade e converteram a circulação. O ciclo descrito por Truzzi (2009) – mascateação → loja →

firma – verificou-se localmente, materializado no centro por edifícios de prestígio como o da loja Miguel Jacob Sabbag & Cia, atual sede da Receita Estadual (Cyrino Filho, 2010). Ao contrário da economia cafeeira, rígida e concentradora, a mascateação revelou resiliência singular, amparada em redes transnacionais e na flexibilidade territorial.

expansão agrícola na região (Valle e Valle, 1984). Desde o início, a urbanização esteve articulada a disputas de poder político e religioso, visíveis na elevação do arraial a Distrito de Paz em 1853, a freguesia em 1878 e a vila em 1911. Esses marcos consolidaram a ascensão de uma elite agrária que, ao controlar instituições civis e religiosas, legitimava sua autoridade e ordenava o espaço urbano (Cyrino Filho, 2010; Restitutti, 2006). A cidade estruturou-se como entreposto comercial⁴ e centro de poder regional, no qual religião e burocracia estatal funcionavam como instrumentos de exclusão e hierarquização social.

A cafeicultura foi o principal vetor da transformação econômica e territorial de Guaxupé, promovendo valorização fundiária, concentração de terras nas elites agrárias e um modelo agroexportador excludente. Embora esse modelo tenha possibilitado a acumulação de capital e a

formação de grandes fortunas, também deixou os produtores regionais vulneráveis às flutuações internacionais de preços (Rodrigues, 2024). Por outro lado, abriu oportunidades para a inserção de imigrantes em atividades comerciais periféricas — sobretudo os sírio-libaneses⁵, cuja prática da mascateação lhes permitiu ocupar nichos pouco acessíveis aos grupos locais (Lopes, 2011; Valle e Valle, 1984). A expansão cafeeira, intensificada na segunda metade do século XIX, foi favorecida pela fertilidade do solo, disponibilidade de mão de obra e ampliação da malha ferroviária, integrando Guaxupé a circuitos comerciais mais amplos (Martins, 2016).

O capital privado da elite cafeeira⁶ financiou a construção do ramal ferroviário que integrou Guaxupé à Companhia Mogiana em Casa Branca (SP), e, por consequência, ao porto de Santos. Até então, o transporte de mercadorias era lento e oneroso, realizado por tropas de burros e

⁴ A freguesia de Guaxupé possuía cerca de 180 casas distribuídas em sete ruas e três praças (Veiga, 1874), número que, em 1884, já alcançava aproximadamente 300 construções (Veiga, 1884). A instalação da Recebedoria de Rendas reforçou sua posição comercial na região, enquanto registros de 1874/75 indicam exportações de toucinho, café, cal branca, fumo, açúcar, feijão e panos (Restitutti, 2006). Esse dinamismo esteve estreitamente vinculado ao “arranque” da cafeicultura, que se delineava desde a década de 1860, com plantações do coronel Manuel Joaquim Ribeiro do Valle, incluindo 8 mil pés em 1868 e mais de 30 mil em 1870, revelando o caráter precoce e sistemático da lavoura na região (Rodrigues, 2024).

⁵ O início da emigração em massa de sírios e libaneses esteve profundamente ligado a fatores

econômicos, religiosos, políticos, sociais e culturais que marcaram a região em fins do século XIX e início do XX. Até a Primeira Guerra Mundial, a chamada Grande Síria, então parte do Império Turco-Otomano, abrangia também o Líbano, a Jordânia e parte do atual Iraque. A instabilidade provocada pelo domínio otomano, aliada às crises econômicas, perseguições religiosas e à busca por melhores condições de vida, impulsionou o deslocamento de milhares de famílias, que encontraram no Brasil oportunidades de inserção social e econômica (Truzzi, 2009).

⁶ O Conde Ribeiro do Valle financiou 55,6% da construção da ferrovia, expressando o poder econômico, político e simbólico das elites cafeeiras na modernização urbana de Guaxupé (Rodrigues, 2024).

carros de bois. As obras, iniciadas em 1901, culminaram na inauguração das estações de Itaiquara e Moraes Salles em 1903, Júlio Tavares em 1904 e, finalmente, Dorcas de Guaxupé, aberta solenemente em 15 de maio de 1904.

Se, para a elite, a ferrovia significava reafirmação de poder, para os imigrantes ela adquiriu outro sentido: tornou-se eixo de circulação de mercadorias, de ampliação de contatos comerciais e de inserção no espaço urbano. A ferrovia, assim, materializava uma ambiguidade: consolidava privilégios agrários, mas também abria brechas para novas formas de mobilidade social. Esse duplo papel reforça a ideia de território como produto de disputas, em que os mesmos dispositivos materiais podiam ser apropriados com finalidades diversas (Raffestin, 1993).

Como lembra Augé (2012), os não-lugares são espaços da supermodernidade caracterizados pelo trânsito, pelo anonimato e pela ausência de vínculos identitários. O conceito, pensado para outro contexto, ilumina a experiência sírio-libanesa em Guaxupé. Estações ferroviárias e a

mascateação, marcadas pelo deslocamento constante e pelo caráter transitório, assumiram inicialmente essa condição. No entanto, ao inscrever nesses espaços práticas culturais, redes de solidariedade e símbolos religiosos, os imigrantes os transformaram em territórios de sociabilidade e memória. Ao converter não-lugares em lugares, estabeleceram vínculos afetivos e comunitários, mostrando que a territorialização se constrói também como prática simbólica e relacional.

Embora planejadas sob o controle das elites locais (Cyrino Filho, 2010; Valle e Valle, 1984), infraestruturas como a ferrovia e a energia elétrica foram ressignificadas pelos imigrantes. A ferrovia tornou-se eixo de circulação e expansão comercial, enquanto a eletrificação ampliou horários e diversificou produtos, revelando que a modernização urbana constituiu uma arena de disputas sociais.

A chegada da ferrovia provocou transformações urbanas profundas em Guaxupé, dinamizando o comércio, atraindo imigrantes⁷ sírios, libaneses, espanhóis e italianos, estimulando a substituição de antigas construções por

⁷ Ao viver em Guaxupé entre 2003 e 2005, percebi que, enquanto italianos e espanhóis marcaram sobretudo a construção e o trabalho agrícola, os sírios e libaneses se destacaram no comércio. A convivência com seus descendentes, marcada por laços de amizade, permitiu-me conhecer de perto memórias e tradições, revelando que sua presença ultrapassava a esfera econômica e se projetava em

símbolos como a Igreja Ortodoxa Santo Elias, guardião de costumes, vínculos religiosos e sentimento de pertencimento. Nesse convívio, compreendi que estudar esses imigrantes significava também investigar como religião, comércio e redes familiares contribuíram para redesenhar o território da cidade.

edificações em estilo europeu e favorecendo a instalação de serviços modernos, como a rede telefônica (1911) e a iluminação elétrica (1913) (Cyrino Filho, 2010). Mais do que um vetor de progresso material, a ferrovia atuou como dispositivo de territorialização urbana, reorganizando fluxos econômicos, demográficos e simbólicos. Ao integrar a cidade às redes nacionais e internacionais do café, redefiniu sua centralidade regional e projetou uma nova identidade, marcada pela modernização dos serviços e pela reconfiguração do espaço público. Nesse sentido, a ferrovia não apenas facilitou a circulação de mercadorias e pessoas, mas também consolidou Guaxupé como polo de atração e como território em permanente negociação entre tradição e modernidade.

A expansão urbana de Guaxupé acompanhou o traçado da ferrovia, estimulando a formação de bairros próximos à estação e a revalorização de áreas mais antigas. Segundo o Anuario de Minas Geraes (1913, p. 456), a cidade já se destacava como “uma das localidades mais ricas e movimentadas da região”, dotada de infraestrutura moderna. O crescimento urbano projetou-se em duas direções principais: para o oeste, com a criação do Parque dos Imigrantes, conforme ilustrado na Figura 1, e para o sul, pela encosta que levou à atual Avenida Dona Floriana. A construção da nova igreja matriz, em ponto

elevado, também desempenhou papel decisivo nesse processo, orientando o vetor de expansão e reforçando a articulação entre religiosidade e ordenamento espacial (Cyrino Filho, 2010).



Figura 1 – Parque dos Imigrantes. Data imprecisa.
Fonte: Cyrino Filho (2010, p. 33).

A Figura 1, sem data, evidencia a influência da ferrovia na expansão urbana de Guaxupé. Em primeiro plano, observa-se a estação ferroviária e, à direita, o Parque dos Imigrantes, com traçado ortogonal e ruas largas que contrastam com a malha mais orgânica do núcleo central. Concebido em sintonia com os ideais de modernidade associados ao ciclo do café e à ferrovia, o bairro foi planejado para acolher imigrantes e seus descendentes em um espaço ordenado, próximo à estação e integrado às novas dinâmicas comerciais e urbanas (Cyrino Filho, 2010). Tornou-se, assim, território simbólico de pertencimento, ao mesmo tempo em que marcou a transformação da paisagem e da identidade local.

Nesse cenário, Guaxupé não pode ser vista como mera receptora passiva de fluxos migratórios, mas como espaço de reconfiguração identitária. Enquanto a elite reafirmava seu poder por meio de monumentos e infraestrutura, os imigrantes disputavam centralidade no comércio urbano e imprimiam suas marcas na organização espacial. A cidade se transformava, assim, em arena de negociação entre poder agrário e novos atores sociais, em que a imigração sírio-libanesa desempenhou papel decisivo.

4. TRAJETÓRIAS DE IMIGRANTES E TERRITORIALIZAÇÃO

A fixação da comunidade sírio-libanesa em Guaxupé, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, resultou da convergência de quatro fatores: a expansão da cafeicultura, a integração ferroviária, o fortalecimento das redes migratórias e a presença da Igreja Ortodoxa Santo Elias Profeta (Lopes, 2011). O dinamismo cafeeiro e a posição estratégica da cidade na malha da Companhia Mogiana consolidaram-na como polo comercial, favorecendo a formação de firmas familiares e sua inserção como elo regional de circulação de mercadorias e pessoas (Valle e Valle, 1984).

Esse processo apoiou-se em redes transnacionais de parentesco e conterraneidade que asseguravam acolhimento, crédito, rotas comerciais e inserção urbana, constituindo uma forma de capital social (Truzzi, 2009). Ao mesmo tempo, tais redes instituía hierarquias, nas quais famílias estabelecidas detinham prestígio e autoridade sobre os recém-chegados, revelando a ambiguidade da experiência migratória, marcada pela tensão entre cooperação e subordinação (Gattaz, 2012; Knowlton, 1960). Nesse contexto, a Igreja Ortodoxa consolidou-se como núcleo de sociabilidade e mediação cultural. Mais que templo espiritual, tornou-se espaço de coesão comunitária, disputas internas e negociação identitária, projetando solidariedades e tensões, ao mesmo tempo em que resistia à hegemonia católica (Truzzi, 2009).

O ciclo migratório característico dos sírio-libaneses, mascateação → loja → firma familiar, assumiu em Guaxupé feições próprias. A mascateação, além de capital inicial, funcionava como mapeamento de mercados e espaço de territorialização simbólica: ao circular entre campo e cidade, os imigrantes projetavam visibilidade social. Retornos temporários ao Líbano e à Síria para buscar esposas e parentes reforçavam o caráter transnacional dessa migração, sustentada por cartas,

remessas e casamentos endogâmicos⁸ (Aseff, 2024).

A trajetória sírio-libanesa em Guaxupé evidencia um processo de territorialização simultaneamente material e simbólica. No plano econômico, expressou-se na dinamização do comércio e na modernização arquitetônica, exemplificada pelo prédio da firma Miguel Jacob Sabbag & Cia, conforme Figura 2. No plano simbólico, manifestou-se nos vínculos afetivos com o lugar, na transmissão de tradições e, sobretudo, na institucionalização religiosa representada pela Igreja Ortodoxa Santo Elias Profeta, que se consolidou como núcleo de memória e sociabilidade.



Figura 2 – Antigo prédio da firma Miguel Jacob Sabbag & Cia, atual sede da Receita Estadual, Guaxupé-MG. Fonte: Google Street View (2024).

A Figura 2 evidencia a arquitetura como instrumento de territorialização

simbólica, traduzindo identidade e status em formas materiais inscritas na paisagem urbana. O prédio da firma Miguel Jacob Sabbag & Cia., erguido no início do século XX na esquina da atual Avenida Conde Ribeiro do Valle, sintetiza a trajetória de ascensão dos antigos mascates sírio-libaneses, da venda itinerante à firma consolidada. Construído em alvenaria e ornado com elementos ecléticos, sacadas e vãos em arco pleno, projetava prestígio e visibilidade, materializando em patrimônio fixo o capital e as redes acumulados na circulação entre campo e cidade (Truzzi, 2009; Cyrino Filho, 2010). Hoje tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico de Guaxupé e atual sede da Receita Estadual, o edifício permanece como símbolo da prosperidade econômica e da contribuição imigrante à modernização urbana e à memória coletiva da cidade.

Assim, a experiência sírio-libanesa em Guaxupé confirma a concepção de Raffestin (1993) do território como produto social atravessado por intencionalidades e disputas. Ao dinamizar o comércio, ressignificar infraestruturas e articular práticas religiosas e comunitárias, os imigrantes não apenas se adaptaram ao espaço existente, mas o transformaram,

⁸ Casamento endogâmico refere-se à prática de escolher cônjuges dentro do mesmo grupo étnico, religioso ou comunitário, com o objetivo de preservar identidades, tradições e vínculos de pertencimento. No caso sírio-libanês, a endogamia

foi uma estratégia recorrente das primeiras gerações, funcionando como mecanismo de manutenção cultural e de fortalecimento das redes de solidariedade no contexto migratório (Truzzi, 2009; Gattaz, 2012).

convertendo Guaxupé em território marcado por sua presença. Esse processo significou mobilidade econômica e, sobretudo, acumulação de capital simbólico (Bourdieu, 1998), traduzido em prestígio, confiança e reconhecimento social.

5. IGREJA ORTODOXA E A SOCIABILIDADE EM GUAXUPÉ

A Igreja Ortodoxa Antioquina Santo Elias Profeta consolidou-se como marco central da experiência sírio-libanesa em Guaxupé, pois, funcionava como templo espiritual, espaço de coesão comunitária e instância de resistência cultural. Provenientes de uma tradição em que religião e política se entrelaçam, os imigrantes reproduziram práticas nas quais o líder religioso assumia funções espirituais, sociais e mediadoras (Gattaz, 2012; Truzzi, 2009). Vinculada ao sistema confessional libanês (Calfat, 2017), essa herança foi reconstituída no Brasil, conferindo ao templo papel estratégico na legitimação social da colônia e na preservação identitária.

A fundação da Igreja em Guaxupé inscreve-se em um processo mais amplo de

territorialização simbólica. O Patriarcado de Antioquia, um dos mais antigos da cristandade, projetava sobre as comunidades migrantes uma memória de continuidade religiosa. No Brasil, a presença ortodoxa remonta ao final do século XIX, com a primeira missa celebrada em São Paulo, em 1897, e a fundação da Igreja de São Jorge, em 1904 (Knowlton, 1960). Em Guaxupé, a mobilização iniciou-se em 1907, liderada pelo padre José Elias, e consolidou-se em 1927 (Lopes, 2011), tornando a presença sírio-libanesa visível em um espaço urbano marcado pela hegemonia católica.

Um testemunho singular desse processo pode ser observado na Figura 3, que traz a dedicatória manuscrita em árabe registrada em um Missal⁹ e oferecida pelo padre Berthanios Lataquino, de Trípoli, ao sacerdote José Elias em 1907. Esse registro evidencia a articulação de redes religiosas transnacionais que sustentavam a comunidade migrante, demonstrando que a fundação da Igreja Ortodoxa em Guaxupé foi parte de uma estratégia de preservação da fé e da cultura entre os imigrantes sírio-libaneses.

⁹ Tradução livre da dedicatória em árabe: “Entrego este livro, como lembrança, a meu querido irmão, o padre José Elias, de Bairo Acar, quando estava prestes a viajar ao Brasil para a inauguração de uma igreja ortodoxa. Padre Berthanios Lataquino, Trípoli Cham, 20 de outubro de 1907”. O registro evidencia

a religião como elo simbólico entre origem e destino e a ativação de redes clericais transnacionais, inserindo a fundação da Igreja Ortodoxa em Guaxupé em uma estratégia mais ampla de preservação da fé, da língua e da cultura sírio-libanesa.

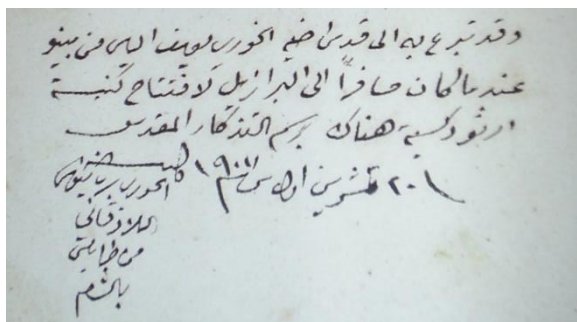


Figura 3 – Dedicatória registrada no Missal. Fonte: Arquivo da comunidade ortodoxa de Guaxupé.

A Figura 3 deve ser compreendida como prática de territorialização simbólica (Raffestin, 1993). O Missal, objeto litúrgico por excelência, ao receber a dedicatória, reforçou a dimensão sacral do gesto e conferiu capital simbólico (Bourdieu, 1998) à comunidade nascente, legitimando-a no espaço local. Ao mesmo tempo, materializa as redes descritas por Truzzi (2009) e Portes *et al.* (1999), nas quais fé e solidariedade sustentavam a inserção migratória. O documento evidencia a fluidez da pertença (Hall, 2011) e a constituição de campos de pertencimento religioso (Pitts Jr., 2006).

O templo converteu-se em território simbólico, articulando práticas espirituais, solidariedade comunitária e disputas de poder. Ao preservar ritos, a língua árabe e tradições orientais, bem como organizar festividades, funcionava como dispositivo de resistência cultural, delimitando fronteiras identitárias e projetando novas centralidades no espaço urbano (Coutinho, 2022; Raffestin, 1993).

A disposição interna da Igreja Santo Elias, apresentada na Figura 4, revela o hibridismo ritual característico da presença ortodoxa em Guaxupé. Elementos bizantinos, como a iconóstase e os ícones sagrados, convivem com referências latinas, como os bancos fixos e a cruz latina. Esse arranjo traduz a negociação entre distinção cultural e adaptação ao meio católico dominante.



Figura 4: Interior da Igreja Ortodoxa Santo Elias, Guaxupé-MG. Fonte: Arquivo da comunidade síria-libanesa

A Figura 4 materializa o que Cataia (2011) denomina “território híbrido”, no qual técnica, estética e cultura se entrelaçam na afirmação de identidades em contextos de negociação. A permanência de signos bizantinos reafirma a continuidade da tradição oriental, enquanto a presença de elementos latinos indica estratégias de acomodação local. O espaço litúrgico converte-se em arena simbólica (Bourdieu, 1998), onde recursos sociais e econômicos são transformados em capital simbólico, legitimando hierarquias internas. Ao

mesmo tempo, a liturgia preserva práticas orientais e atua como resistência cultural diante da hegemonia católica (Coutinho, 2022; Pitts Jr., 2006).

Contudo, a Igreja também refletia disputas internas. Como observa Bourdieu (1998), o campo religioso é espaço de lutas simbólicas, no qual agentes disputam legitimidade. Em Guaxupé, famílias consolidadas reforçavam seu prestígio financiando obras e ocupando cargos de liderança, convertendo recursos econômicos em capital simbólico. Nesse processo, destacou-se o protagonismo feminino: responsáveis pela ornamentação da Igreja, pela organização de festas, pela transmissão da língua árabe e pela preservação de práticas culturais, as mulheres também produziam recursos por meio de doces, bordados e hospedagem de mascates. Essas atividades asseguraram tanto a sustentabilidade econômica da comunidade quanto a preservação da memória coletiva. Como aponta Yuval-Davis (1997), em contextos diaspóricos as mulheres atuam como portadoras simbólicas da identidade, papel que em Guaxupé garantiu a resiliência cultural e reforçou o capital simbólico das famílias.

Além da atuação feminina, a coesão comunitária também se manifestava em

formas organizadas de solidariedade cotidiana. Dentro da Igreja Ortodoxa reuniam-se as Sociedades de Ajuda Mútua, que desempenharam papel fundamental no acolhimento de recém-chegados e na preservação da identidade coletiva. Como registra Hajjar (1985), havia quatro associações ligadas à região de Guaxupé: a Sociedade Beneficente Síria, em Guaranésia; a Sociedade Beneficente das Senhoras Sírias, em Guaxupé; o Clube Sírio, fundado em 1913, em Guaxupé; e a União Síria, de 1904, também em Guaxupé. Essas entidades atuavam na assistência material, na integração social e na organização de eventos, funcionando como extensões do espaço religioso e reforçando as redes de sociabilidade da colônia.

A mobilidade pastoral do padre José Elias ampliou o alcance da Igreja Ortodoxa. Ele viajava regularmente para celebrar casamentos e batismos em cidades¹⁰ do Sudoeste Mineiro, do Triângulo Mineiro, do interior de São Paulo e de Goiás. Essa circulação conectava comunidades sírio-libanesas, fortalecendo vínculos e consolidando uma rede de pertencimento espiritual e identitário (Coutinho, 2022; Pitts Jr., 2006). O deslocamento transformava o espaço percorrido em território relacional, tecido por práticas,

¹⁰ Padre José Elias percorria cidades do Sudoeste de Minas, como Muzambinho e São Sebastião do Paraíso; do Triângulo Mineiro, como Uberaba,

Uberlândia e Ituiutaba; do interior de São Paulo, como Franca e Altinópolis; e de Goiás, como Anápolis.

significados e vínculos de pertença, confirmando que identidades se constroem em contextos de mobilidade e negociação.

Um grande acontecimento dentro da Igreja Ortodoxa, que marcou profundamente imigrantes e descendentes, foram as Bodas de Ouro Sacerdotais do Padre José Elias, celebradas em 1946. A Figura 5, reproduz a matéria publicada no jornal *Folha do Povo* (11/05/1946), registra essas solenidades, que reforçaram o prestígio do padre José Elias e projetaram simbolicamente a presença ortodoxa no espaço urbano.



Figura 5 – Jubileu Sacerdotal do Padre José Elias.
Fonte: Arquivo da comunidade síria-libanesa

A Figura 5 ilustra o prestígio do padre José Elias, evidenciado nas Bodas de Ouro Sacerdotais de 1946, quando a colônia sírio-libanesa de Guaxupé e cidades

vizinhas se mobilizou em sua homenagem. O evento reuniu autoridades religiosas, lideranças políticas e famílias locais, reafirmando sua centralidade como liderança espiritual e projetando simbolicamente a presença ortodoxa no espaço urbano.

A morte do padre José Elias, em 1952, representou um momento de ruptura e dor para a comunidade ortodoxa. A Figura 6, que registra seu enterro, revela a ampla mobilização de fiéis, familiares e lideranças locais, configurando um ritual coletivo de despedida que extrapolou o âmbito religioso. Para os imigrantes e descendentes, o sacerdote não era apenas guia espiritual, mas elo vivo com a terra natal e figura agregadora da colônia, cuja ausência deixou uma lacuna simbólica e afetiva. Ao mesmo tempo, sua memória perpetuou-se como referência identitária, consolidando a Igreja Santo Elias como território de pertencimento e resistência, inscrito no imaginário coletivo da cidade.

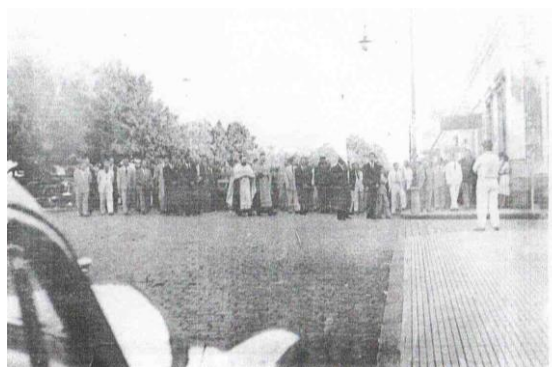


Figura 6 – Jubileu Sacerdotal do Padre José Elias.
Fonte: Arquivo da comunidade síria-libanesa.

Desse modo, a Igreja consolidava-se como centro irradiador de pertencimento, projetando a identidade sírio-libanesa em múltiplos territórios e ancorando a memória coletiva na tradição religiosa. Esse papel adquiria maior relevância em um contexto marcado pela hegemonia católica e pelas pressões por conformidade cultural, funcionando como espaço de resistência simbólica. Ao conectar comunidades dispersas e reafirmar vínculos transnacionais, a instituição configurava o que Portes *et al.* (1999) denominam campos sociais transnacionais.

Esse padrão encontra paralelo na análise de Aseff (2024) sobre a presença libanesa na fronteira sul entre Brasil e Uruguai, onde a articulação entre fé, redes familiares e práticas transgeracionais estruturou formas de resistência identitária. Tanto em Guaxupé quanto na fronteira, os espaços religiosos atuaram como depositários de memória e instrumentos de resistência diante da invisibilização, fortalecendo pertencimentos múltiplos e laços de identidade em constante negociação entre origem e acolhimento.

Em Guaxupé, a Igreja Ortodoxa operou como espaço de fé e como campo de poder, onde recursos econômicos e sociais eram convertidos em capital simbólico. O financiamento de obras e a ocupação de cargos de liderança reforçavam o prestígio

de famílias consolidadas, enquanto a autoridade clerical legitimava ou contestava essas posições. Assim, a instituição unificava a comunidade, mas também reproduzia hierarquias e assimetrias internas, conferindo ao imigrante sírio-libanês integração cultural e prestígio público no espaço urbano.

A preservação do árabe e os casamentos endogâmicos foram estratégias centrais da primeira geração. A partir da década de 1930, contudo, observa-se enfraquecimento da transmissão linguística e aumento das uniões exogâmicas, sinalizando maior integração e renegociação identitária (Gattaz, 2012; Knowlton, 1960; Truzzi, 2009). Esses deslocamentos revelam a territorialização como processo dinâmico, no qual religião, etnicidade e gênero operam de forma interseccional, moldando posições e reconhecimentos em contextos assimétricos (Coutinho, 2022). Nesse quadro, as instituições árabe-cristãs funcionaram como arenas de sociabilidade e mediação entre tradição e inserção social (Pitts Jr., 2006).

Apesar da inserção econômica e social, os sírio-libaneses em Guaxupé enfrentaram barreiras simbólicas e institucionais que limitavam sua plena integração. A mascateação favorecia o contato com a população local, mas não eliminava preconceitos, frequentemente

expressos na designação pejorativa de “turcos”, em alusão aos passaportes otomanos (Lesser, 2001).

Nesse contexto, a territorialização religiosa ultrapassava a preservação de ritos e tradições, manifestando-se também em disputas por espaços de pertencimento. O cemitério local ilustra esse processo. Criado em 1896 e administrado pela Igreja Católica, dividia-se rigidamente entre a área “benta”, reservada aos católicos, e a área “não benta”, destinada a ortodoxos, crianças não batizadas, soldados, prostitutas e outros considerados indignos. O conflito atingiu seu auge quando o vigário recusou o sepultamento de uma senhora ortodoxa em solo consagrado, situação revertida após a intervenção do poder político local¹¹. O episódio revela a disputa por territorialidade simbólica, em que o espaço se tornava instrumento de exclusão e estigmatização.

A trajetória da Igreja Ortodoxa em Guaxupé deve, portanto, ser entendida como processo dinâmico de negociação, resistência e reinvenção identitária. Embora gerações seguintes tenham se integrado progressivamente à Igreja Católica, o templo permaneceu centro de memória e

sociabilidade. Mesmo em períodos de enfraquecimento institucional, como na década de 1970¹², manteve-se como símbolo de pertencimento, evidenciando que o território religioso ultrapassa sua materialidade, funcionando como mediação entre tradição e adaptação.

Tal como em São Paulo, onde a Igreja Ortodoxa territorializou simbolicamente a comunidade na Rua 25 de Março, em Guaxupé o templo tornou-se marco de presença e resistência. A Igreja Santo Elias consolidou-se como território simbólico e ponto de ancoragem social: por meio de liturgias em árabe, arquitetura, festividades e disputas por legitimidade, ressignificou a cidade como espaço de pertencimento coletivo. Essa experiência converge com Raffestin (1993), ao compreender o território como produto de relações de poder, e com Sayad (1998), para quem a identidade migrante se constrói no entrecruzamento entre memória, deslocamento e reinvenção.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou a experiência dos imigrantes sírio-libaneses

¹¹ A posterior secularização do cemitério, atual Cemitério Municipal Luiz Smargiassi, rompeu a lógica excludente e inseriu os sírio-libaneses em um processo mais amplo de reconhecimento social.

¹² Após a saída do Padre José Elias em 1950, devido a problemas de saúde, a Igreja Ortodoxa de Guaxupé foi dirigida por diversos sacerdotes: Padre Michel Deiratani (1950–1973), Padre Nicolau Ferzoli (1973–1979), Padre Jorge Zeitune e, posteriormente,

Padre Paulo, que atendia a comunidade de forma esporádica. Com a saída destes, o templo permaneceu fechado por quase vinte anos, sendo reaberto e reinaugurado em 18 de agosto de 2002, após reforma conduzida pelo Arcebispo Metropolitano Dom Damaskinos Mansour. Desde então, a Igreja Santo Elias tem recebido celebrações ocasionais, preservando sua função simbólica e comunitária.

em Guaxupé entre 1900 e 1940, evidenciando como esse grupo se inseriu em um espaço urbano em rápida transformação, marcado pela expansão da cafeicultura e pela integração ferroviária. Esses dois fatores estruturantes não apenas impulsionaram a modernização econômica e arquitetônica da cidade, como também criaram condições para a chegada de fluxos migratórios que redefiniram sua paisagem social e cultural.

A fixação sírio-libanesa em Guaxupé articulou dimensões materiais e simbólicas. No plano econômico, destacou-se a ascensão comercial, expressa em firmas familiares e em edificações como o prédio da Miguel Jacob Sabbag & Cia., símbolo de prestígio e visibilidade. No plano simbólico, a institucionalização da Igreja Ortodoxa consolidou-se como núcleo de memória, sociabilidade e resistência cultural, funcionando como território simbólico em que fé, identidade e poder se entrelaçaram. Redes de conterraneidade, a mobilidade pastoral do padre José Elias e as Sociedades de Ajuda Mútua reforçaram esses laços, projetando a comunidade para além dos limites locais.

A pesquisa demonstrou que a territorialização sírio-libanesa foi marcada por tensões. O preconceito expresso na designação de “turcos” e o episódio do cemitério revelam as barreiras simbólicas e institucionais enfrentadas pelo grupo. Ao

mesmo tempo, a Igreja funcionou como espaço de unificação e diferenciação: promovia solidariedade, mas também reproduzia hierarquias internas, onde famílias mais consolidadas convertiam recursos econômicos em prestígio social. Destacou-se, nesse processo, o protagonismo feminino, responsável por sustentar práticas culturais, organizar festividades e assegurar a resiliência identitária em condições de deslocamento.

Conclui-se que a experiência sírio-libanesa em Guaxupé deve ser compreendida como processo dinâmico de negociação identitária, no qual memória, deslocamento e religiosidade se articularam para produzir pertencimento e reconhecimento social. Mais que preservação de costumes, tratou-se da construção de um território híbrido, resultado da interação entre tradição e adaptação, resistência e integração. Nesse sentido, confirma-se a concepção de território como produto social atravessado por disputas e intencionalidades (Raffestin, 1993), a identidade como construção relacional (Hall, 2011; Sayad, 1998) e a relevância dos campos sociais transnacionais (Portes *et al.*, 1999).

A trajetória sírio-libanesa em Guaxupé também dialoga com a noção de multiterritorialidade (Haesbaert, 2014), pois não se restringiu a um único espaço, mas se constituiu na articulação entre

territórios de origem, religiosos, econômicos e urbanos. Essa perspectiva ilumina como a migração produziu identidades móveis, construídas na sobreposição de escalas e vínculos afetivos. Além disso, reforça a importância de abordagens interdisciplinares e regionais, capazes de evidenciar a atuação de comunidades imigrantes em cidades médias, muitas vezes invisibilizadas pelas grandes sínteses nacionais.

A trajetória do padre José Elias simboliza a própria experiência da comunidade sírio-libanesa em Guaxupé. Desde 1907, sua liderança mobilizou a fundação da Igreja Santo Elias, articulou redes de solidariedade e projetou a identidade ortodoxa para além da cidade. O prestígio alcançado, evidenciado nas Bodas de Ouro Sacerdotais de 1946, reafirmou sua centralidade como elo entre memória, fé e coesão comunitária. Sua morte, em 1952, marcou uma ruptura simbólica, mas também consolidou a Igreja como território de identidade e resistência, perpetuando seu legado no imaginário coletivo.

Como desdobramentos, a pesquisa abre caminhos para investigações comparativas com outras cidades médias brasileiras, para o aprofundamento das relações interétnicas e dos conflitos simbólicos, e para a análise das gerações posteriores diante da assimilação religiosa e cultural. Em síntese, a experiência sírio-

libanesa em Guaxupé revela que a migração não apenas desloca corpos, mas imprime sentidos, constrói pertencimento e ressignifica os espaços vividos, transformando-os em territórios de memória, identidade e poder.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

ASEFF, Line Rose Chipollino. *Vozes migrantes: memórias e permanências da presença árabe libanesa na fronteira sul do Brasil e norte uruguaio (1920–1950)*. 2024. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CALFAT, Natália Nahas Carneiro Maia. *O modelo consociativo para sociedades plurirreligiosas: reflexões e aprendizados sobre a experiência confessional libanesa*.

2017. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CATAIA, Maurício Alves. *Território híbrido: uma leitura da relação entre técnica e política na nova configuração espacial do território*. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

COUTINHO, Suzana Ramos. Perspectivas teóricas sobre mobilidade e religião. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 11–24, 2022. DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol22i1a2>.

CYRINO FILHO, Moacyr Albino de Almeida. *Guaxupé: transformações urbanas e patrimônio cultural*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GATTAZ, André Castanheira. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. 2. ed. Salvador: Pontocom, 2012.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração Árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KNOWLTON, Clark. *Sírios e libaneses em São Paulo: ascensão social e mobilidade espacial*. São Paulo: Anhembi, 1960.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e*

a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

LOPES, Leandro Aparecido. Cidade, ferrovia e imigrantes: a Cia Mogiana e os sírios e libaneses em Guaxupé-MG. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. *Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

MARTINS, Marcos Lobato. Paisagens do passado no Sul de Minas: os ambientes rurais regionais e sua transformação pelo avanço da cafeicultura (décadas de 1870-1920). In: SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato; GAMBI, Thiago Fontelas Rosado (org.). *Sul de Minas em urbanização: modernização urbana no início do século XX*. São Paulo: Alameda, 2016. p. 173-201.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PITTS JR., Montie Bryan. *Forging ethnic identity through faith: religion and the syrian-lebanese community in São Paulo*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Vanderbilt University, Nashville, 2006.

PORTES, Alejandro; GUARNIZO, Luis E.; LANDOLT, Patricia. The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field. *Ethnic and Racial Studies*, v. 22, n. 2, p. 217–237, 1999.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, José. Uma epistemologia do território. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 51-74, 2005.

RESTITUTTI, Cristiano Corte. *As fronteiras da província: rotas do comércio interprovincial (1839-1884)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) –

Universidade Estadual Paulista,
Araraquara, 2006.

RODRIGUES, João Lucas. Expansão
cafeeira no Sudoeste mineiro (1868 a 1920).
Revista de História Regional, v. 29, 2024.
SANTOS, Milton. O dinheiro e o território.
GEOgraphia, Niterói, v. 1, n. 1, 1999.

SAQUET, Marco Aurélio. Por uma
abordagem territorial. In: SAQUET, Marco
A.; SPOSITO, Eliseu Silvério (org.).
*Territórios e territorialidades: teorias,
processos e conflitos*. São Paulo: Expressão
Popular, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os
paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp,
1998.

TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e
libaneses em São Paulo*. São Paulo: Editora
Unesp, 2009.

VALLE, José Ribeiro do; VALLE, Geraldo
Ribeiro. *Guaxupé: memória histórica*. São
Paulo, 1984.

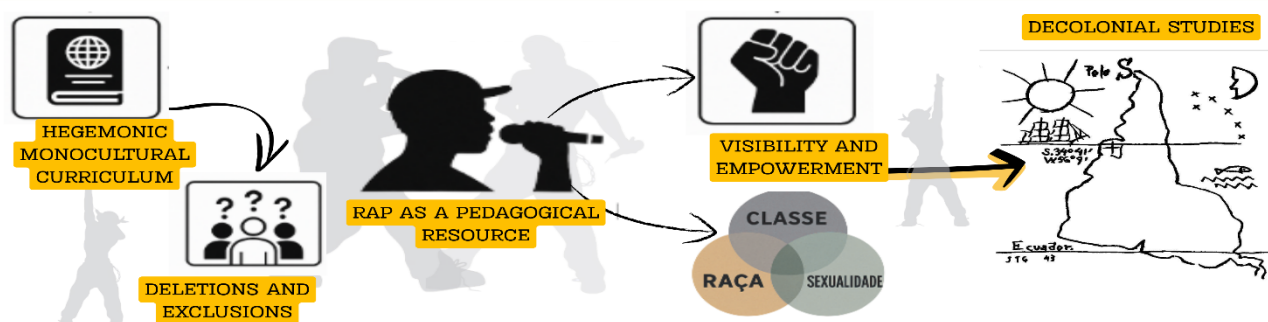
VEIGA, A. *Almanach Sul-Mineiro*. Pouso
Alegre: Tipografia Regional, 1874.

VEIGA, A. *Almanach Sul-Mineiro*. Pouso
Alegre: Tipografia Regional, 1884.

YUVAL-DAVIS, Nira. *Gender and nation*.
London: Sage, 1997.

GRAPHICAL ABSTRACT

IF THE SCHOOL DOESN'T SEE ME, THEN I SHOUT!



RAP as a critical language in the teaching of History from a DECOLONIAL perspective.

<Insira aqui o texto descritivo do Graphical Abstract (de 1 a 2 linhas, em inglês)>

“SE A ESCOLA NÃO ME VÊ, ENTÃO EU GRITO”: O RAP COMO LINGUAGEM CRÍTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

“IF THE SCHOOL DOESN'T SEE ME, THEN I SCREAM”: RAP AS A CRITICAL LANGUAGE IN HISTORY TEACHING FROM A DECOLONIAL PERSPECTIVE

Autor 1 (inseridos somente após o aceite) ¹, Autor 2 (inseridos somente após o aceite), ² e Autor 3 (inseridos somente após o aceite), ³

¹Coordenadoria de Engenharia Mecânica, Instituto Federal do Espírito Santo Campus São Mateus, 29032-540 São Mateus – ES, Brasil

* (inserir o e-mail do autor correspondente)

- Manter o logo (bolinha verde) para os autores que possuem o ORCID. Preencher conforme abaixo:

ORCID – João D. de Almeida: <https://orcid.org/0000-0012-3645-795X>

Artigo submetido em XX/XX/XXXX, aceito em XX/XX/XXXX e publicado em XX/XX/XXXX.

Resumo: A educação brasileira se constituiu historicamente sob a égide de um projeto monocultural, fundado na universalização da episteme euro-usa-cêntrica, em sua sistemática negação das alteridades epistêmicas. Dessa forma, o currículo escolar consolida-se como instrumento de reprodução das colonialidades do ser, do saber. Tais configurações promovem apagamentos históricos, hierarquizações de conhecimento e exclusões simbólicas que continuam a estruturar os modos de ensinar e aprender nas escolas. Considerando o ensino de História como território de disputas políticas, epistêmicas e culturais, atravessado por tensões entre a manutenção das narrativas hegemônicas e as possibilidades de insurgência pedagógica. O presente trabalho parte da hipótese de que, ao ser tensionada por práticas contra-hegemônicas, a História pode operar como ferramenta de ruptura e reexistência. Neste sentido apresentamos o uso do RAP/poemas como recurso pedagógico, linguagem poética e crítica, enraizada na escuta, na denúncia e na elaboração de memórias coletivas periféricas, o qual se constitui como uma estratégia decolonial capaz de produzir fissuras no currículo monocultural e hegemônico. Essas fissuras abrem brechas para a inserção de epistemologias afro-diaspóricas e periféricas no espaço escolar, tensionando os alicerces da formação docente tradicional e promovendo deslocamentos no processo educativo. Ao convocar saberes silenciados e experiências de resistência, o RAP insurge como contrapedagogia e se articula como possibilidade concreta de construção de um conhecimento crítico voltado à emancipação, à reconfiguração das memórias e à transformação social.

Palavras-chave: Insurgência Pedagógica; Decolonial; Representatividade; Epistemicídio; Rap.

Abstract: In Brazil, education was historically founded on a monocultural project, one that universalized a Euro-USA-centric episteme while systematically denying other forms of knowledge. As a result, the school curriculum became an instrument for reproducing the colonality of being and knowing. These structures promote historical erasures, knowledge hierarchies, and symbolic exclusions that continue to shape how we teach and learn in schools. Considering the teaching of history as a territory of political, epistemic, and cultural disputes—caught between maintaining hegemonic narratives and the possibilities of pedagogical insurgency—this work starts from the hypothesis that, when challenged by counter-hegemonic practices, history can serve as a tool for rupture and re-existence. We present the use of rap and poetry as a pedagogical resource, a poetic and critical language rooted in listening, denouncing, and creating collective peripheral memories. This approach constitutes a decolonial strategy capable of creating fissures in the monocultural, hegemonic curriculum. These fissures open up spaces for the inclusion of Afro-diasporic and peripheral epistemologies in schools, challenging the foundations of traditional teacher training and promoting shifts in the educational process. By invoking silenced knowledge and experiences of resistance, rap emerges as a counter-pedagogy. It offers a concrete possibility for building critical knowledge focused on emancipation, the reconfiguration of memories, and social transformation.

Keywords: Pedagogical Insurgency; Decolonial; Representation; Epistemicide; Rap.

1 INTRODUÇÃO

“NOS APAGARAM DOS LIVROS, TENTARAM CALAR NOSSA VOZ”

1.1 A colonialidade no currículo e o epistemicídio na formação docente.

Este artigo tem por objetivo trazer uma análise de como o processo da educação colonial eurocentrista influencia na formação dos docentes, e como através das práticas hegemônicas cria-se um silenciamento dos povos subalternizados.

No primeiro momento trataremos do tema “A colonialidade no currículo e o epistemicídio na formação docente”. A temática abordada no currículo de história reafirma o apagamento epistemológico da população negra, indígenas e periféricas. Assim, aprendemos nos livros didáticos a ter uma visão datada e heróica, na qual, o homem branco é visto como salvador e precursor da história, deixando de lado os saberes do nosso povo.

No segundo momento a tratativa está relacionada a “Fragilidades da formação docente e as marcas do epistemicídio na sala de aula”. É importante destacar que mesmo com a implantação da lei 10.639/03 e 11.645/08, que estabelece o ensino afro-brasileiro e indígena em sala de aula, ainda encontramos grande resistência por parte dos docentes, muito por conta da falta de formação inicial e contínua, uma vez que, a reprodução historiográfica em sala de aula não condiz com a realidade, gerando desinteresses por parte dos estudantes. Assim a falta de representatividade e de uma linguagem que contemple o entendimento por parte dos estudantes, acaba gerando lacunas e falta de sentido ao estudar história.

No terceiro momento utilizaremos de uma abordagem prática e teórica visando as “Fissuras no currículo: escuta, insurgência e reexistência no ensino de História”. Defendendo a abordagem decolonial no ensino de história, utilizando o RAP/poesia como ferramenta didática

para promover o pertencimento dos estudantes. Nesse sentido, a mazela colonial europeia gera um distanciamento entre estudantes e conteúdo, que o docente utilizando de uma perspectiva decolonial pode ajudar a romper apoiando-se no RAP, pois ele é a voz das periferias e um veículo de representatividade e crítica às dinâmicas das classes dominantes.

Por conseguinte, as metodologias foram trabalhadas no “O RAP como poética crítica, linguagem insurgente e prática decolonial”. Explorando a potência crítica e política como prática de letramento histórico decolonial. Utilizamos autores decoloniais e trechos de letras de RAP como corpus analítico que tensiona o silenciamento e projeta saberes outros. Diante deste contexto, o artigo adota uma abordagem qualitativa, crítica e de caráter teórico-analítico, isso significa, que as hipóteses são levantadas e fica em aberto para apoiar numa construção futura, porém, fundamentada em escolas de áreas periféricas.

Por fim, nas “Considerações finais: o ensino de História como território de reexistência epistêmica”. Fica evidente a importância de ressignificar o currículo de história, utilizando da formação inicial e continuada direcionando os docentes em suas práticas pedagógicas, além de implantar as leis 10.639/03 e 11.645/08, do ponto de vista decolonial, para não estarmos reforçando uma historiografia colonialista e eurocentrada. Assim sendo, o RAP apresenta-se como ferramenta pedagógica e tende a gerar pertencimento e contribuir coletivamente através de saberes interculturais, uma vez que, o RAP é um estilo que se encontra próximo aos estudantes que vivem às margens.

2 PROCESSOS METODOLÓGICOS

“RIMO PORQUE NÃO NOS DERAM PÁGINA, ESCRIVO PORQUE NOS NEGARAM AUTORIA”

2.1 O RAP como poética crítica, linguagem insurgente e prática decolonial.

O RAP apresenta-se na sua essência como uma linguagem decolonial, uma vez que, quando os negros eram arrancados dos seus territórios, eles vinham nos navios negreiros utilizando dos seus dialetos para despistar o colonizador, muitas vezes reexistindo através de sua cultura. No contexto afro-diaspórica a contribuição no RAP ocorre com os griôs que são contadores de histórias orais, músicos, poetas, historiadores e guardiões ancestrais da memória e da tradição cultural negra. (Pacheco, 2014/2015). Sendo ele, o RAP, no modelo que conhecemos hoje, surgiu na Jamaica e depois sendo comercializada nos EUA, até chegar nas periferias brasileiras, enfim, não atribuir herança africana ao RAP seria reforçar o epistemicídio de uma cultura.

No Brasil, os educadores e militantes culturais criaram a história de liberdade e autonomia, com leis que dão à escola e ao educador o direito, a alforria de criar seu projeto político pedagógico e às comunidades de terem sua história, cultura e identidade reconhecidas no meio da educação formal. Então, por que a maioria dos educadores continua reproduzindo uma educação e um currículo comprado na época da ditadura ou reflexo do projeto de embranquecimento do início do século XX? Ou da educação manipuladora da consciência das massas e formadora de operários para o mundo industrial e capitalista, ou ainda uma educação conservadora e religiosa herança do tempo da colonização portuguesa? Cheia de grades curriculares e tendências pedagógicas conteudistas e tecnicistas, disciplinas desintegradas, intolerância religiosa, rituais autoritários, racistas e simbolicamente

repressores da identidade e da ancestralidade dos educadores e de seu povo. Uma educação que retirou o educando do centro de sua afeição e conhecimento. Por quê? Pacheco (2014/2015, p.40)

O conjunto de cultura, epistemicídio e reexistir é fundamental para entender a insurgência pedagógica, uma vez que houve apagamento da história dos povos subalternizados, pois, precisamos urgentemente formar estudantes críticos (Brasil, 2018). Assim, os estudantes precisam ter contato com conteúdos que os façam compreender a necessidade do letramento histórico decolonial. Além disso, é importante termos docentes comprometidos com o mundo contemporâneo e suas exigências, para alcançar uma sociedade mais justa, na qual, os estudantes sintam-se representados e incluídos.

Assim, os estudantes devem desenvolver um posicionamento crítico frente aos problemas que afetam a vida social, reconhecendo o diálogo como ponto de partida fundamental para a tomada de decisões coletivas. Por conta de nossa formação sócio-histórica, dá-se especial ênfase à questão da identidade: no que se relaciona ao universo social mais amplo da nacionalidade, como no âmbito individual, apontando-se como básico o conhecimento das características fundamentais do Brasil (sociais, materiais e culturais) e o reconhecimento e a valorização da pluralidade que constitui o patrimônio sociocultural brasileiro, assim como o de outros povos e nações. São Paulo (2011, p.30).

O RAP como prática pedagógica no ensino de história é essencial para incluirmos os estudantes que estão localizados às margens por conta de uma apagamento/epistemicídio da história dos povos que habitavam/habitam o Brasil. A destruição colonial gera uma sistematização preconceituosa, na qual é de suma importância reconhecermos as práticas periféricas no processo de ensino

aprendizagem valorizando os saberes na construção da aprendizagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“RIMO PORQUE NÃO NOS DERAM PÁGINA, ESCREVO PORQUE NOS NEGARAM AUTORIA”.

A reflexão a se fazer é como a abordagem decolonial no ensino de história tem a contribuir para que os estudantes sintam-se pertencentes. Assim, o RAP/poesia sendo trazido para a realidade dos estudantes nos possibilita romper com as mazelas coloniais, “Entretanto, a implementação de uma educação intercultural e descolonizadora requer não apenas mudanças curriculares, mas também a formação de professores comprometidos com a valorização das histórias e epistemologias negras.” Santo, Moura et. al. (2025, p. 2991). É importante salientar que muitas vezes há um distanciamento dos estudantes com o conteúdo abordado em sala de aula. O Ritmo Amor e Poesia (RAP) emerge historicamente como a voz da periferia, funcionando como um veículo de denúncia, para a expressão da vivência e realidade de seus agentes ““Um homem na estrada, recomeça sua vida”, mas que vida se ele nunca teve atenção devida, sem guarida, sem ensino. Qual a chance do menino no sistema assassino e genocida?” Negra Li (2025).

A produção lírica do RAP não apenas alerta sobre as dinâmicas de poder e a identificação de antagonismos de classe, mas também atua como um mecanismo de representatividade. Nesse contexto, a poesia, a escrita, o caderno e a caneta assumem o papel de instrumentos de insurgência.

Além de outros fatores de exclusão/marginalização sociopolítica, econômica e cultural da população negra, ainda presente na sociedade brasileira, como a falta de representatividades negras nas

variadas esferas de poder, há também a falta de representatividade dos povos negros enquanto produtores de histórias e culturas do currículos escolares o que ainda não está plenamente superado nos livros didáticos, como nos comprova a Ana Célia da Silva (2001). Apesar da existirem avanços significativos, essa lacuna interfere negativamente, sobremaneira, na construção de memórias (positivas), por parte dos alunos negros logo comprometendo a construção da sua identidade, principalmente raciais. (Souza, 2018, p.38)

Portanto, a abordagem historiográfica deve assegurar que o currículo não funcione como um instrumento de silenciamento, entretanto, o ensino de história demonstra que a estrutura social foi moldada por processos de usurpação e exclusão. A educação, em sua forma materializada, tem sido historicamente percebida como um instrumento de poder, promovendo o distanciamento social e a estratificação em classes, gêneros e raças. Assim, a subalternização, instrumento criado pela hegemonia eurocentrista paradoxalmente se torna um substrato para a reexistência.

Nessa perspectiva, o RAP, enquanto fruto da afro-diaspórica, constitui uma manifestação cultural de reexistência histórica, conectando as periferias contemporâneas aos quilombos ancestrais. Nesse processo, a decolonialidade se manifesta intrinsecamente, visto que as injustiças sociais fomentam e abrem os caminhos para o desenvolvimento da criticidade dos saberes dos subalternos.

Contudo é imprescindível reconhecer que a aprendizagem transcende os limites do ambiente acadêmico formal, o qual, por vezes, se mostra distante e inacessível às populações periféricas. A aquisição de conhecimento ocorre em todos os ambientes e nos "lugares de vivência". Isso, deixa evidente a importância de ressignificar as abordagens históricas, uma vez que, um ensino excludente tende a

manter a hegemonia, seja ela, implantada na prática dos docentes ou até mesmo nas abordagens teóricas.

A história da educação no Brasil é marcada por um modelo eurocêntrico que, ao longo dos séculos, marginalizou as culturas indígenas e afro-brasileiras. Desde o período colonial, a escola serviu como um instrumento de imposição dos valores europeus, silenciando os saberes e tradições dos povos originários e dos africanos escravizados. Como apontam Santos et al. (2024, p. 3), “[...] a estrutura escolar brasileira, desde seus primórdios, foi moldada para perpetuar uma visão monocultural, em que a cultura europeia se impõe como única forma legítima de conhecimento”. Complementando essa visão, Ferreira, Teles e Araújo (2023, p. 19) argumentam que “[...] a escola, em que deveria prevalecer a pluralidade de culturas e modos de ser, torna-se um agente reprodutor de um único padrão, sendo, portanto, o da cultura e das pessoas brancas”. (Santos; Moura, et. al. 2025, P. 8988).

Nesse sentido, reexistir é preciso, assim como navegar, com a expansão de uma linguagem própria cheia de dialetos e gírias, a consolidação da literatura no primeiro momento vai acontecer através dos grupos de RAP e consequentemente com as batalhas/rinhas, encontros da literatura marginal, cerimônias e os saraus/slams contribuíram na disseminação da representatividade periférica. ““Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas” é o grito que ecoa entre estudantes da educação básica paulista quando participam do Slam Interescolar, projeto organizado desde 2015 pelo coletivo Slam da Guilhermina.” Abreu; Rocha; Maciel (2021, p. 626). A marginalização das expressões artísticas como o grafite, a pichação, a dança, dentre outros, não atuavam nas bienais, nem nos grandes festivais, em suma, as ruas nos adotaram.

Assim, o RAP sendo uma música que surge nas vielas, periferias e favelas “Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola,

minha meta é 10, 9.5 nem rola” Racionais Mc's (2002). Portanto, ele retrata a dificuldade do trabalhador que vive/mora nos extremos, a falta de políticas públicas como transporte de qualidade, falta de saneamento básico, lazer, entre outras coisas mais, denúncia que as pessoas precisam ser muito mais fortes e não podem errar, precisamos fazer o dobro para conseguir sobreviver. Muito por conta desta linguagem adotada pelos grupos de RAP, é que, as pessoas se sentem representadas, na qual, vêem o seu cotidiano sendo cantada por cidadãos/cidadãs comuns como nós.

Conforme no livro *Sobrevivendo no Inferno* do grupo de RAP Racionais Mc's:

Ao se tratar das qualidades de sobrevivendo no inferno, com frequência se insiste na novidade do ponto de vista periférico, na agressividade da postura presente nas letras e nos arranjos, bem como no elevado grau de contundência das narrativas, carregada como um senso de urgência daqueles que estão literalmente em meio a uma guerra. [...] Sem exageros, podemos dizer que poucas vezes a realidade brasileira foi analisada e representada com um olhar tão complexo, considerando-se inclusive as instâncias discursivas mais consagradas como a academia e a literatura. [...] Seu objetivo maior é formar os sujeitos para a construção de uma ética comunitária que os permita viver a “Vida loka” - o estado geral de precariedade das condições de existências marcadas pelos riscos eminentes e pelas contingências sem desandar, ou seja, permanecer vivo. [...] O texto almeja partilhar uma sabedoria construída coletivamente pela periferia integrando a vivência do sujeito. (Racionais Mc 's, 2018, p. 27-32)

Todavia, utiliza-se o RAP de Negra li e Racionais como fonte poética, os saraus/slams, literatura marginal como ferramenta pedagógica, explorando sua potência crítica e política como prática de letramento histórico decolonial. São mobilizados trechos de letras de RAP como corpus analítico que tensiona o

silenciamento e projeta saberes outros. O artigo adota uma abordagem qualitativa, crítica e de caráter teórico-analítico. Assim o RAP acende como fonte poética e pedagógica, à luz de autores como Santo, Moura, Silva, Pereira (Raízes Afrodiaspóricas), Walter Abreu, Rocha, & Maciel (Letramentos Literários e Translinguagem entre as Ruas e as Escolas Do Sul Global), Souza (Educação Antirracista e Decolonial) entre outros. Proposta de uma sequência didática como abordagem analítica que pode ser estruturada a partir de categorias como Insurgência Pedagógica; Decolonial; Representatividade; Epistemicídio; Rap.

4 CONCLUSÃO & PERSPECTIVAS

“A QUEBRADA É ESCOLA, A FAVELA É SABER”.

4.1 Considerações finais: o ensino de História como território de reexistência epistêmica

Esta pesquisa desmontou a importância de ressignificar o currículo de história, uma vez que, parte da historiografia, tem atuado como um instrumento de apagamento e silenciamento de saberes afro-diaspóricos, indígenas e periféricos. A análise do processo de formação docente revelou a persistência de uma matriz eurocêntrica que fragiliza a aplicação de leis como a 10.639/03 e 11.645/08, gerando um desinteresse palpável por parte dos estudantes, que não se veem representados nas narrativas hegemônicas.

O projeto dos saraus/slams, RAP e poesias, emerge como uma poderosa ferramenta pedagógica decolonial e uma linguagem insurgente para a população que se encontra às margens. O RAP com a poética crítica, enraizada na vivência e na denúncia, oferece um caminho para o letramento histórico decolonial, conectando os estudantes às suas próprias histórias e experiências, valorizando os saberes que surgem dos lugares de vivências.

Diante do exposto, este trabalho abre caminhos para o aprofundamento de novas pesquisas, ao utilizar na análise qualitativa, crítica e de caráter teórico-analítico, sugere-se a aplicação prática de sequências didáticas baseadas no RAP, além de ser o ponto de partida para novas investigações sobre a formação continuada de professores, explorando estratégias para capacitá-los a integrar perspectivas decoloniais.

Enfim, é fundamental que o debate sobre a decolonialidade na educação continue a se expandir, incentivando a criação de currículos que valorize a pluralidade cultural e os saberes locais, que sistematize a representatividade e pertencimento, e que os estudantes transforme a sala de aula em um espaço de reexistência e luta contra o epistemicídio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Prof^a. Dr^a. Jacyara Conceição Rosa Mardgan, Instituto Federal do Espírito Santo, campus de Alegre. Além de todas as experiências vividas que contribuíram para o ser que hoje sou. Minha mãe e ao meu pai em memória, minha família (irmão, irmã, sobrinhos/as), companheira Ana Penholato e filha Luiza Penholato Cezar da Costa. Amigos e conhecidos, não menos importantes. Todas as quebradas destes Brasis, trabalhadores e trabalhadoras do campo e cidade. Por fim, o movimento Hip Hop que exerceu um papel fundamental fortalecendo na criticidade e na busca do meu eu cada vez mais decolonial.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. dos S.; ROCHA, C. H.; & MACIEL, R. F.. (2021). **Letramentos Literários E Translinguagem Entre As Ruas E As Escolas Do Sul Global: O Slam Interescolar Como Prática Enativo-Performativa Decolonial. Trabalhos Em**

Linguística Aplicada, 60(3), 626–644.
<https://doi.org/10.1590/0103181311060011520211022>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, [2008].

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003].

PACHECO, L. **A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade**. Diversita, São Paulo, a.2., n.3, set.2014/mar.2015.

RACIONAIS MC'S, **Sobrevivendo no Inferno**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, J. N. P. de. **Nossos passos vêm de longe: o ensino de História para construção de uma Educação Antirracista e Decolonial na educação infantil** / Josiane Nazaré Peçanha de Souza - 2018.

SANTO.; MOURA.; SILVA.; PEREIRA. **Raízes Afrodiaspóricas – Descolonizando A Educação Pública Por Um Ensino Antirracista Na Lei 10.639/2003**. *Revista Aracê*, São José dos Pinhais, v.7, n.2, p.8985-9016, 2025.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São**

Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo : SE, 2011. 152 p.

https://www.youtube.com/watch?v=9i-G4dP0w_w

<https://www.letras.mus.br/negra-li/olha-o-menino-2-0-part-djonga/>

<https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615/147274>

GRAPHICAL ABSTRACT

JAMES BALDWIN



Aspectos raciais e sociais nas obras literárias de



James Arthur Baldwin (1924- 1987), ensaísta, romancista e ativista dos direitos civis dos afro-americanos.

ASPECTOS RACIAIS E SOCIAIS NAS OBRAS LITERÁRIAS DE JAMES BALDWIN

RACIAL AND SOCIAL ASPECTS IN THE LITERARY WORKS OF JAMES BALDWIN

Luiz Gonzaga de Andrade Filho ¹

lugoand.andradefilho549@gmail.com . Graduando em Pós Graduação em Humanidades,
Centro de Referência em Formação a Distância – Cefor , Instituto Federal do Espírito Santo –

Artigo submetido em XX/XX/XXXX, aceito em XX/XX/XXXX e publicado em XX/XX/XXXX.

- Manter o logo (bolinha verde) para os autores que possuem o ORCID. Preencher conforme abaixo:

ORCID – João D. de Almeida: <https://orcid.org/0000-0012-3645-795X>

Resumo: O presente trabalho analisa as questões raciais e sociais presentes nas obras literárias de James Baldwin, um dos mais importantes escritores afro-americanos do século XX. O objetivo é examinar de que forma suas narrativas abordam os entrelaçamentos entre raça, classe, sexualidade e identidade, com destaque para as obras *Go Tell It on the Mountain* (1953), *Notes of a Native Son* (1955), *The Fire Next Time* (1963), *Giovanni's Room* (1956) e *Another Country* (1963). A pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamentada em artigos acadêmicos e obras críticas sobre Baldwin, explora as discussões que relacionam literatura, racismo estrutural e interseccionalidade, reunindo interpretações, que dão corpo a uma leitura crítica que reconhece Baldwin como voz insurgente contra as opressões, articulando o contexto histórico de sua produção com reflexões que permanecem urgentes na contemporaneidade. Os resultados apontam que a literatura baldwiniana expõe de forma contundente as estruturas opressivas da sociedade estadunidense, evidenciando como a educação, a religião, a mídia e a política perpetuam desigualdades raciais e sociais. Em uma abordagem interseccional, os textos de Baldwin também revelam os impactos da homofobia, das tensões de classe e da identidade racial na opressão sistemática, dando visibilidade às múltiplas faces da exclusão. Como reflexão final, destacamos que a abordagem humanista e crítica presente na literatura baldwiniana mantém plena relevância contemporânea, influenciando movimentos como o Black Lives Matter, e inspirando novos olhares sobre nossas próprias estruturas de poder e exclusão. Dessa forma, o estudo reafirma Baldwin como autor indispensável para os debates atuais sobre igualdade racial, justiça social e resistência cultural.

Palavras-chave: James Baldwin; racismo estrutural; interseccionalidade; literatura afro-americana.

Abstract: This study analyzes the racial and social issues present in the literary works of James Baldwin, one of the most important African American writers of the twentieth century. The objective is to examine how his narratives address the intersections of race, class, sexuality, and identity, with a focus on the works *Go Tell It on the Mountain* (1953), *Notes of a Native Son* (1955), and *The Fire Next Time* (1963), *Giovanni's Room* (1956) e *Another Country* (1963). The research, of a bibliographic nature, grounded in academic articles and critical works on Baldwin, explores discussions that connect literature, structural racism, and intersectionality. It brings together interpretations that give shape to a critical reading that recognizes Baldwin as an insurgent voice against oppression, articulating the historical context of his production with reflections that remain urgent in contemporary times. The results indicate that Baldwin's literature powerfully exposes the oppressive structures of American society, showing how education, religion, the media, and politics perpetuate racial and social inequalities. From an intersectional perspective, Baldwin's texts also reveal the impacts of homophobia, class tensions, and racial identity in systemic oppression, giving visibility to the multiple faces of exclusion. As a final reflection, we highlight that the humanist and critical approach present in Baldwin's literature remains fully relevant today, influencing movements such as *Black Lives Matter* and inspiring new perspectives on our own structures of power and exclusion. In this way, the study reaffirms Baldwin as an indispensable author for current debates on racial equality, social justice, and cultural resistance.

Keywords: James Baldwin; structural racism, intersectionality; African American literature.

1 INTRODUÇÃO

James Baldwin, um dos autores norte-americanos mais influentes do século XX, construiu sua obra em torno da luta contra o racismo, a desigualdade social e a opressão das minorias. Nascido em 1924, no Harlem, bairro majoritariamente negro de Nova York, cresceu em uma sociedade rigidamente dividida pela cor da pele, em que ser negro era a marca da desvantagem. Essa experiência pessoal constituiu a matéria-prima para uma produção literária que articula ficção, ensaio e crítica social. Com escrita direta, sensível e profundamente humana, Baldwin fez de suas obras denúncias das injustiças, expondo feridas sociais e convidando o leitor à reflexão crítica. (Salva, 2022????)

O presente trabalho tem como propósito a análise de obras do autor - *Go Tell It on the Mountain* (1953), *Notes of a Native Son* (1955) e *The Fire Next Time* (1963) *Giovanni's Room* (1956) e *Another Country* (1963) – identificando nelas temas recorrentes como racismo, identidade, sexualidade e justiça social. A partir dessa análise o estudo investiga como a literatura de Baldwin refletiu as tensões sociais e políticas de seu tempo, examinando o impacto de sua produção no contexto dos movimentos pelos direitos civis, bem como nos debates atuais para os estudos das humanidades. A relevância desse estudo justifica-se pela necessidade de compreender a literatura de Baldwin como uma voz crítica e insurgente diante das estruturas opressivas do século XX, cuja força reflexiva continua a reverberar na contemporaneidade. (Salva, 2022????)

A obra de Baldwin é atravessada por uma profunda inquietação frente às injustiças raciais. O autor não escreveu como observador externo, mas como sujeito que vivenciou cotidianamente o tratamento desigual imposto à população negra. Suas narrativas expõem os efeitos do racismo

estrutural, traduzidos em medo constante, desvalorização, ausência de oportunidades, violência física e psicológica e apagamento da identidade negra. Para ele, o racismo não era apenas um comportamento individual, mas um sistema enraizado na política, na economia, na religião e na cultura popular.

Um exemplo marcante encontra-se em *Notes of a Native Son* (1955), coletânea de ensaios em que Baldwin, a partir de uma escrita política e pessoal, problematiza como os negros são socializados desde a infância a duvidar de si mesmos, a se rebaixar e a aceitar posições subalternas na sociedade. Nessa obra, o autor evidencia como instituições como a escola, a igreja e a mídia reforçam o lugar marginal imposto à população negra. Essa análise é fundamental para a sociologia, pois permite compreender como a exclusão racial se reproduz de forma sutil, cotidiana e institucionalizada. (Coswosk, 2022.p.34)

Outro eixo recorrente em sua produção é o conflito entre identidade individual e imposições sociais. Em diversas obras, seus personagens enfrentam o dilema de se adequar a uma sociedade branca que os rejeita. Em *Giovanni's Room* (1956), Baldwin narra a história de um homem branco que se apaixona por outro homem para discutir exclusão e medo. Embora o protagonista não seja negro, a temática conecta-se às vivências do autor como homem negro e homossexual, ampliando o alcance crítico de sua literatura. (Salva, 2022????)

Baldwin evidencia como o preconceito, seja racial ou sexual, constitui prisões invisíveis, levando indivíduos a ocultarem sua identidade para evitar julgamento, rejeição ou violência. Essa reflexão impõe às ciências sociais a necessidade de questionar em que medida a sociedade assegura efetivamente a liberdade individual.

No ensaio *The Fire Next Time* (1963), o autor escreve uma carta a seu sobrinho, alertando-o para os desafios de crescer negro nos Estados Unidos. O texto, carregado de dor e sofrimento, revela o medo, mas também a necessidade de resistência, em uma mensagem de amor e esperança. Baldwin enfatiza que os brancos precisam compreender que o problema do racismo é deles, e não dos negros. Essa virada de perspectiva permanece poderosa e atual, pois desloca o foco da vítima para o agressor, reposicionando o debate sobre a responsabilidade pelo racismo estrutural. (Salva, 2022????)

Seu olhar crítico sobre a sociedade, não se restringiu à questão racial. Baldwin também analisou as desigualdades de classe, apontando como a pobreza atingia desproporcionalmente os negros, mas também afetava populações brancas marginalizadas. Em sua perspectiva, o racismo foi instrumentalizado pelas elites para dividir os pobres e impedir sua união contra o verdadeiro inimigo: a estrutura econômica desigual. Essa leitura mantém-se relevante na contemporaneidade, ao evidenciar a interdependência entre raça e classe.

Outro aspecto relevante na obra de Baldwin é a crítica à religião. Criado em ambiente profundamente religioso e tendo atuado como pastor na juventude, Baldwin, ao longo de sua vida, passou a compreender como a igreja frequentemente reforçava o racismo e a homofobia. Para ele, o discurso religioso funcionava como instrumento de controle social, perpetuando obediência, culpa e conformismo diante da dor. Em *Go Tell It on the Mountain* (1953), o autor explora as contradições entre fé e opressão, mostrando como a religião pode operar tanto como refúgio quanto como mecanismo de aprisionamento simbólico. (Salva, 2022????)

James Baldwin conferiu à arte um papel essencial na transformação social. Para ele, escrever era um ato político:

revelar verdades ocultas, dar voz aos silenciados e despertar consciência. Essa concepção consolidou-o como um escritor ativista e intelectual público. Sua presença em universidades, protestos e debates foi marcante, e suas palavras exerceram impacto imediato. Apesar da contundência de sua crítica, sua escrita nunca se apoiou no ódio, mas em uma perspectiva carregada de humanidade. Ao defender o diálogo, a escuta e a transformação, Baldwin conseguia interpelar até mesmo aqueles que discordavam de suas posições. Essa capacidade de mobilizar afetos e provocar reflexão explica a atualidade de sua obra.

A leitura de Baldwin exige do leitor não apenas atenção, mas também empatia, coragem e disposição para questionar verdades estabelecidas. Suas obras não oferecem respostas fáceis; ao contrário, suscitam indagações necessárias e profundas. Para estudantes e profissionais das humanidades, Baldwin constitui-se em leitura obrigatória, pois articula uma perspectiva intensa, crítica e transformadora sobre o mundo contemporâneo. Sua escrita apresenta uma visão singular e profundamente humana das experiências das minorias raciais e sexuais.

Ao analisar a produção de Baldwin reconhecemos a maestria literária e o papel crucial que a literatura pode desempenhar na reflexão e transformação das sociedades. Em um contexto no qual o racismo persiste e se reconfigura, suas análises permanecem atuais, oferecendo instrumentos teóricos e políticos indispensáveis para a resistência e para a construção de horizontes mais justos e igualitários.

Assim, reafirma-se a relevância de Baldwin como autor indispensável às humanidades, por oferecer uma perspectiva crítica, atual e transformadora sobre o mundo em que vivemos. Seu legado literário e social justifica plenamente uma investigação aprofundada acerca do impacto duradouro de sua obra.

2 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa adota uma **metodologia qualitativa** de ordem bibliográfica para analisar a obra e o legado de James Baldwin, um dos mais importantes escritores, ensaístas e ativistas do século XX. A abordagem foi fundamentada em artigos acadêmicos, livros, teses e dissertações disponíveis nas bases de dados **Google Scholar**, **SciELO**, **CAPES Periódicos**, além dos repositórios institucionais da USP, UERJ e IFES através de trabalhos que promovem discussões literárias e culturais com foco em racismo, desigualdades sociais, gênero e protagonismo da população negra que sempre foi marginalizada, seja ela nos Estados Unidos, seja em outros países.

A coleta de dados iniciou-se com o recorte das publicações que tratavam das obras, como *Go Tell It on the Mountain* (1953), *The Fire Next Time* (1963) e *Giovanni's Room* (1956), *Giovanni's Room* (1956) e *Another Country* (1963.) Além disso, foi utilizado os descritores em português e inglês – 1. *James Baldwin*, 2. *racismo estrutural*, 3. *negritude*, 4. *sexualidade*, 5. *homossexualidade*, 6. *direitos civis*, 7. *literatura* 8. *afro-americana*, 9. *interseccionalidade*, aplicando os operadores (AND, OR) para ampliar e refinar os resultados. Como resposta foi verificado a existência de 06 trabalhos, entre 2021 e 2024, considerando os 09 descritores. Assim, ampliamos a busca considerando a alteração entre os descritores, permanecendo como elemento fixo James Baldwin e ampliando as publicações em um intervalo entre **2000 e 2024**, período em que os estudos sobre a negritude ganharam projeção no campo das humanidades, especialmente em razão da emergência de movimentos como o *Black Lives Matter*. Obras clássicas, publicadas anteriormente, foram consultadas em edições atualizadas ou reimpressas, a fim de garantir fidelidade à análise.

Os artigos e textos selecionados obedeceram um rigoroso critério embasado na **relevância temática, partindo do** foco em James Baldwin e sua ligação a temas como racismo, identidade, sexualidade e crítica social; **Credibilidade das** publicação considerando periódicos indexados e repositórios institucionais reconhecidos; **Atualidade dos** textos e as contribuições clássicas que permanecem fundamentais para o debate. Priorizou-se textos que ofereceram análises críticas e comparativas, destacando a influência de Baldwin no pensamento contemporâneo. Após a seleção, os textos foram categorizados em temas centrais, permitindo a construção de uma visão ampla e fundamentada sobre a relevância do autor e de suas contribuições para a literatura e os estudos culturais, raciais, dos direitos civis, e sociais, evidenciando a viabilidade do estudo.

A metodologia qualitativa e bibliográfica adotada permitiu construir uma visão ampla e fundamentada sobre como James Baldwin e sua obra continuam a impactar a literatura e os estudos culturais, evidenciando como as produções se alinham às demandas contemporâneas por reflexões que utilizam a literatura como ferramenta de denúncia das injustiças sociais e do preconceito racial e de gênero.

A abordagem empregada abre caminhos para o desenvolvimento de futuros estudos acadêmicos que ampliem a compreensão do legado baldwiniano em diferentes contextos históricos e sociais.

3. DISCUSSÃO

A trajetória biográfica de Baldwin evidencia como sua experiência pessoal se entrelaçou às condições históricas do século XX, fornecendo a base para uma obra literária de caráter crítico e insurgente. A vivência em um lar religioso, sob rígido controle paterno, possibilitou-lhe compreender a religião como espaço ambivalente: ao mesmo tempo refúgio

comunitário e mecanismo de opressão, tema explorado em *Go Tell It on the Mountain*. (Salva, 2022????)

O contato com o Harlem Renaissance e a convivência com Cullen e Delaney introduziram Baldwin à tradição literária afro-americana e ao debate estético moderno, aspectos que o levaram a desenvolver uma linguagem própria, marcada pela fusão de lirismo e crítica social. Sua mudança para Paris, em 1948, funcionou como distanciamento estratégico: fora dos Estados Unidos, pôde analisar de forma mais objetiva o racismo, a segregação e a homofobia de seu país, criando narrativas que questionavam tanto a identidade nacional americana quanto a condição da diáspora negra. (Salva, 2022????)

Ao refletir sobre raça, classe e sexualidade em obras como *Notes of a Native Son* e *Giovanni's Room*, Baldwin antecipa debates que só mais tarde seriam sistematizados no campo da interseccionalidade (Crenshaw, 1989). Seus textos evidenciam como diferentes eixos de opressão operam de maneira articulada, impondo aos sujeitos negros e homossexuais múltiplas formas de exclusão.

Sua literatura pode, portanto, ser entendida como instrumento de resistência política e cultural, ao mesmo tempo em que questiona o essencialismo racial e as narrativas hegemônicas da branquitude. Como aponta Gilroy (2001), a diáspora negra articula uma contracultura da modernidade; nesse sentido, Baldwin figura como um dos principais intelectuais a elaborar uma estética e uma ética da resistência que transcendem o contexto norte-americano e se projetam globalmente.

3.1 A América racial do século XX

O século XX nos Estados Unidos foi marcado por profundas divisões raciais, nas

quais a população negra enfrentou um sistema de opressão institucionalizado. James Baldwin emergiu como voz crítica desse contexto, explorando em suas obras as consequências do racismo estrutural na formação da sociedade norte-americana. Havia nos Estados Unidos um forte conceito de raça biológica como afirmar Morning (2011).

De forma geral, nos EUA, pessoas que acreditam em raças acabaram por se afastar de ideias atreladas a noções antigas da biologia ou das ciências naturais relativas à raça. Essas pessoas passaram a crer que designações raciais se relacionam com o caráter de um grupo. Trata-se de um progresso relativo, pois os norte-americanos não deixaram de lado todas as noções biológicas. A maior parte dos norte-americanos – incluindo cientistas – pensa de uma forma muito mais racializada do que podemos esperar, e o essencialismo biológico é muito mais prevalente do que a ideia de que raça é uma mera construção social (Morning, 2011?).

De acordo (Scimago, 2019) houve durante esse período as chamadas leis Jim Crow (1876-1965) que consolidaram a segregação racial no Sul dos EUA, negando direitos básicos à população negra, como acesso à educação, transporte e espaços públicos. Baldwin, em obras como *Go Tell It on the Mountain*, retrata os efeitos psicológicos e sociais dessa segregação, mostrando como a violência racial era naturalizada.

Baldwin participou ativamente dos debates sobre direitos civis, alinhando-se a figuras como Martin Luther King Jr. e Malcolm X. Em *The Fire Next Time*, ele alerta sobre a urgência da luta antirracista, criticando tanto a resistência branca quanto a passividade negra diante da opressão.

A migração de negros do Sul para cidades como Nova York e Chicago (Grande Migração) trouxe novos desafios, como marginalização em guetos urbanos. Baldwin, ao retratar o Harlem em *Notes of a Native Son*, expõe a contradição entre a promessa de liberdade no Norte e a

persistência do racismo. Seu exílio na França (1948-1957) permitiu uma análise distanciada do racismo americano. (Salva, 2022????)

O contexto histórico do século XX foi essencial para moldar a literatura baldwiniana, que denuncia não apenas a violência explícita, mas as estruturas invisíveis que perpetuam a desigualdade. Sua obra revela como raça, classe e geografia se entrelaçam na formação da identidade negra americana. (Salva, 2022????)

3.2 Vida e influências literárias de Baldwin

James Arthur Baldwin nasceu em 2 de agosto de 1924 no Harlem, bairro que se tornaria símbolo da cultura negra norte-americana. Filho de um pastor pentecostal severo, David Baldwin, o jovem James desenvolveu uma relação complexa com a religião. Entre os 14 e 17 anos, ele atuou como pregador juvenil, experiência que marcaria profundamente sua obra: "A igreja foi minha primeira aula de teatro, de retórica, de performance. Mas também foi onde aprendi sobre culpa e opressão" (Baldwin, 1953, p. 22).

Essa dualidade entre fé e crítica religiosa aparece de forma magistral em *Go Tell It on the Mountain* (1953), romance quase autobiográfico onde o mesmo explora o fervor religioso como refúgio e prisão para a comunidade negra.

Conforme relatos de Leeming (2015) em relação a sua formação intelectual, seus primeiros contatos com a literatura se deram na DeWitt Clinton High School no Bronx, Baldwin encontrou professores que reconheceram seu talento literário. Dois mentores foram fundamentais: Countee Cullen, poeta do Harlem Renaissance, que o introduziu à tradição literária negra e Beauford Delaney, pintor modernista que lhe mostrou a possibilidade de ser um artista negro livre.

Ainda de acordo com Leeming (2015), Baldwin foi fortemente influenciado por outros autores como:

- Henry James (pela complexidade psicológica);
- Richard Wright (que depois criticaria por seu "protesto literário");
- Dostoiévski (pela profundidade moral).

Durante um certo período de sua vida o mesmo passou por um momento de "exílio" Europeu (1948-1957), pois em 1948, com apenas 24 anos, Baldwin partiu para Paris, fugindo do racismo americano e da homofobia (o mesmo era homossexual), nesse período onde na França, escreveu seus trabalhos mais importantes, incluindo: *Go Tell It on the Mountain* (1953), *Notes of a Native Son* (1955), *Giovanni's Room* (1956). Sobre o exílio, o mesmo afirmou: "Precisei me afastar da América para entendê-la. Em Paris, pude me ver como americano - algo que nunca me permitiram ser em Nova York" (Baldwin, 1955, p. 121).

3.3 Raça, identidade e interseccionalidade nas obras de Baldwin

James Baldwin constrói, em sua literatura, uma reflexão profunda sobre identidade, raça e interseccionalidade, explorando as múltiplas camadas da opressão nos Estados Unidos do século XX. Considerado um dos maiores escritores afro-americanos, Baldwin não se limitou a denunciar o racismo, mas investigou suas conexões com religião, sexualidade e classe social, criando narrativas que desafiam estruturas de poder e convidam o leitor a questionar normas sociais arraigadas. (Salva, 2022????)

Baldwin não apenas retrata a experiência negra em uma sociedade racista, mas também explora temas como homossexualidade, exílio e a complexidade das relações humanas sob sistemas opressivos. Baldwin utiliza a literatura como instrumento de resistência e transformação social. Sua escrita, ao

mesmo tempo lírica e combativa, revela as contradições da América, expondo tanto a violência do racismo quanto às possibilidades de libertação por meio da consciência crítica. (Salva, 2022????)

3.4 A Construção da Identidade Negra em *Go Tell It on the Mountain* (1953): uma análise profunda

Go Tell It on the Mountain (1953), primeiro romance de James Baldwin, representa uma obra inicial para compreender a construção da identidade negra na literatura afro-americana. Conforme mencionado anteriormente trata-se de uma obra quase autobiográfica, nela o escritor explora com maestria os complexos processos de formação identitária em um contexto marcado pela religião como espaço de conflito e redenção.

O romance estrutura-se em torno da experiência religiosa do jovem John Grimes durante seu "despertar espiritual" no Templo Pentecostal. Baldwin, ele mesmo ex-pregador, apresenta a religião como:

- Instrumento de opressão (através da figura do padrasto Gabriel)
 - Fonte possível de libertação (na experiência mística de John)
 - Metáfora da condição negra americana ("o pecado original é ser negro")
- Há também neste romance os conflitos familiares, o que representa uma extensão daquilo que Baldwin também vivenciou, a estrutura familiar reflete as tensões raciais, pois seu padrasto Gabriel representa a geração que internalizou o ódio racial; Elizabeth (mãe biológica) encarna a resistência silenciosa e John personifica a busca por uma identidade autêntica. Baldwin emprega uma narrativa não-linear, de tempo presente (24 horas na vida de John) e flashbacks que revelam histórias familiares. Essa técnica expõe como o passado escravocrata persegue os personagens. Existe neste romance uma crítica social implícita através da saga familiar, já que Baldwin denuncia diversos dilemas sociais como:

- O mito da meritocracia americana;
- A violência psicológica do racismo;
- A hipocrisia religiosa que justifica a opressão.

Segundo Leeming (2015), o romance revolucionou a literatura negra ao:

Substituir o protesto explícito por análise psicológica. Universalizar a experiência afro-americana através do viés religioso. Criar uma linguagem literária singular, mesclando sermões bíblicos com fluxo de consciência modernista. (Leeming, 2015, p 110)

Este romance continua atual e permanece relevante por ilustrar os mecanismos de internalização do racismo, além de antecipar debates contemporâneos sobre saúde mental na comunidade negra e oferecer um modelo de resistência através da autoaceitação.

3.5 O ensaísmo político em *Notes of a Native Son* (1955): a arte da crítica social

Notes of a Native Son lançando em 1955, trata-se de um romance não ficcional formado por dez ensaios literários que representa um marco na tradição do ensaísmo político afro-americano, estabelecendo James Baldwin como um dos mais agudos analistas sociais do século XX. Esta coletânea de dez ensaios desenvolve uma reflexão multifacetada sobre uma narrativa pessoal que transcende o individual. Neste livro Baldwin relata sobre a morte do pai (que dá título ao volume) transformando em análise do ódio racial internalizado. Fala sobre sua experiência trabalhista em Nova Jersey e revela o apartheid norte-americano. Destaca ainda suas vivências em Paris e como revela suas contradições em relação ao colonialismo europeu. (Baldwin, 1955)

Neste livro Baldwin rejeita o movimento literário do início do século XX conhecido como naturalismo que reduz personagens negros a vítimas e propõe uma

literatura que explore a complexidade humana (**Baldwin, 1955**)

Essa obra serviu de base para derrubar diversos “mitos” da cultura popular americana como o mito do “negro feliz” no cinema hollywoodiano. Criticou fortemente a apropriação branca do jazz e blues. Segundo **Cornel West (1993)** “Baldwin inventou um novo gênero - o ensaio como ato político amoroso, onde rigor intelectual e paixão moral se fundem”.

3.6 Homossexualidade e interseccionalidade em *Giovanni’s Room* e *Another Country*

James Baldwin, em *Giovanni’s Room* (1956) e *Another Country* (1963), explora temas como sexualidade, raça e identidade em narrativas que desafiam as convenções sociais da época. Essas obras não apenas discutem a homossexualidade de forma aberta, mas também revelam como as estruturas de poder racial, de gênero e de classe se interseccionam para moldar as experiências dos personagens.

Na primeira obra *Giovanni’s Room* (1956) trata-se sobre a crise da masculinidade e o preconceito contra a homossexualidade em um mundo heteronormativo. nele diferente dos romances anteriores a escolha de Baldwin era um protagonista branco, Baldwin centra a narrativa em personagens caucasianos, destacando que a opressão sexual é universal, mas também questionando por que a sociedade só enxerga o “problema racial” quando o autor é negro. É o que afirmar Greenwell (2016)

Giovanni’s Room é uma das únicas obras de ficção de Baldwin — a outra é um conto muito curto — em que todos os personagens são brancos. Ele disse em entrevistas que não sentia que conseguiria abordar de uma só vez as agonias duplas do racismo e do ódio aos gays, mas, na verdade, a questão racial permeia todo o livro, principalmente nesta imagem

horripilante, que é radioativa com a iconografia do racismo americano. (**Greenwell, 2016?**)

Segundo Baldwin (1956) este livro retrata o desfecho de um romance conturbado de David e Giovanni, marcados por uma tragédia, David é o personagem principal, David, luta contra seus desejos homossexuais, representando a internalização da homofobia e o medo da rejeição social. Enquanto Giovanni age como contraponto. Enquanto David se esconde, Giovanni vive sua sexualidade abertamente, mas paga um preço alto por isso, culminando em sua tragédia pessoal. O quarto de Giovanni simboliza um espaço de intimidade e verdade, mas também de isolamento e condenação.

Podemos exemplificar por nossos dias atuais o modo como Baldwin explora como a sociedade força indivíduos considerados “diferentes” a viverem entre a mentira (o “armário”) e a autodestruição (a punição por sair dele). David personifica o medo e a necessidade de performar uma masculinidade agressiva para ser aceito.

Já o segundo romance *Another Country* (1963), nele são retratados diversos dilemas morais como raça, sexualidade e desespero. Baldwin amplia sua análise em *Another Country*, introduzindo personagens negros e brancos, heterossexuais e homossexuais, em um retrato complexo da sociedade americana.

O personagem central da narrativa chama-se Rufus Scott, um músico negro cuja vida desmorona devido ao racismo e à homofobia. Sua morte por suicídio, ainda no início do livro ecoa o modo como a homofobia e o racismo podem se tornar elementos mortais. os outros personagens são Vivaldo e Eric, que vivem um relacionamento interracial e homoafetivo e que desafia as barreiras sociais da época. No meio dessas personagens existe a figura de Ida Scott, irmã de Rufus, cantora e serve como uma espécie de ponte entre esses “mundos”.

Todos os personagens de *Another Country* sofrem com a solidão, seja por

causa de sua raça, sexualidade ou classe social. Baldwin mostra como o sistema opressor isola indivíduos, impedindo conexões genuínas. O romance, portanto, questiona se o amor pode existir em uma sociedade racista e homofóbica. Salva (2020) afirma quanto a isso:

O livro mostra diferentes relações amorosas, não necessariamente entre uma mulher e um homem; tratando também de homens que sentem atração por outros homens — tema que aparece em outros livros de Baldwin. O afeto atravessa todos nós. E cada personagem está em busca de amor, seja do outro ou do seu próprio. É através de cada um deles que podemos conhecer a mentalidade da época, seja nos seus discursos liberais ou conservadores, muitas vezes carregados de homofobia e racismo. (Salva, 2020?)

Relacionamentos são tanto refúgios quanto campos de batalha, onde personagens lutam contra suas próprias internalizações de ódio. A Interseccionalidade está presente tanto na Obra de Baldwin, antes mesmo do termo "interseccionalidade" ser cunhado por Kimberlé Crenshaw, em 1989), Baldwin já explorava como raça, sexualidade e classe se entrelaçam na opressão:

Interseccionalidade é uma lente para ver como várias formas de desigualdade frequentemente operam juntas e se exacerbam. Nós tendemos a falar de desigualdade racial como separada da desigualdade baseada em gênero, classe, sexualidade ou imigração, mas na realidade elas frequentemente se interseccionam, criando complexidades sistêmicas. (Crenshaw, 1989, P - 189)

Em Giovanni's Room, a homossexualidade é o foco, mas a sombra do racismo paira sobre a escolha de Baldwin em escrever sobre brancos. Em *Another Country*, a interseccionalidade é explícita, com personagens enfrentando múltiplas formas de exclusão.

3.7 A atualidade das obras de Baldwin

As obras de James Baldwin (1924-1987) permanecem ainda profundamente atuais, tanto nos Estados Unidos quanto globalmente, devido às suas reflexões incisivas sobre implicações sociais relacionadas ao racismo e as questões de gênero. Sua literatura continua a ressoar em um mundo que ainda não superou tais dilemas. Por meio de suas obras ele expõe toda a brutalidade do racismo, um tema que ecoa nos movimentos como Black Lives Matter, movimento social que ficou famoso, após a morte violenta de homem negro americano chamado George Floyd, que nos conta é Mesquita (2022)

“George Floyd, um homem afro-americano de 46 anos, foi morto após ser algemado e preso no chão por Derek Chauvin, um policial branco, em Minneapolis depois de supostamente usar uma nota falsa de \$20 em uma loja do bairro. Testemunhas gravaram um vídeo da ação do policial que usou o joelho para prender Floyd pelo pescoço, no qual é possível ouvir Floyd repetidamente dizendo: "Não consigo respirar". No mesmo ano, Breonna Taylor foi morta em sua casa pela polícia enquanto dormia em Louisville, Kentucky, e Ahmaud Arbery foi linchado por um trio de vigilantes da vizinhança enquanto corria no condado de Glynn, Geórgia. (Mesquita, 2022, p. 05)

Baldwin, um homem negro e homossexual, explorou a complexidade da identidade em seus romances muitas das vezes antecipando discussões atuais sobre interseccionalidade (raça, gênero e classe). Muito presente no século XXI. Suas reflexões sobre a solidão do marginalizado e a busca por pertencimento ainda falam sobre as chamadas minorias. Baldwin criticou o cinema e a cultura dominante de sua época por perpetuar estereótipos racistas, um tema relevante no debate sobre representação midiática atual.

3.8 Paralelos entre a era Baldwin e os movimentos contemporâneos

Os paralelos entre a era de Baldwin (décadas de 1950-1980) e os movimentos antirracistas contemporâneos (como Black Lives Matter, Vidas Negras Importam Brasil e outros movimentos sociais) são profundos e reveladores. Ambos os contextos surgem como respostas a ciclos históricos de violência racial sistêmica, opressão estatal e resistência cultural.

Durante a Era de Baldwin, ele denunciava os linchamentos públicos (como o de Emmett Till, 1955) e a brutalidade policial contra negros nos EUA, especialmente no Sul segregado. Atualmente movimentos como Black Lives Matters, surgem após casos como de George Floyd (2020), Breonna Taylor (2020) e João Pedro (Brasil, 2020) – assassinatos que mostram a continuidade do terror racial, agora filmado e amplamente divulgado pelas redes sociais.

Baldwin sempre desmontava a ideia de que os Estados Unidos eram uma democracia pós-racial após o fim da segregação legal. Hoje no Brasil, como nos Estados Unidos, discursos como “não existe racismo” ou “somos todos iguais” mascaram o mito de uma democracia racial. Um exemplo atual, a lei 10.639/03 (ensino de história africana no Brasil) e as cotas raciais são combatidas com argumentos semelhantes aos que Baldwin enfrentou nos anos 1960.

Baldwin usava a literatura para documentar a dor e a beleza negra e atualmente existem diversos literários e artistas que promovem o africanismo. Movimentos como Afrofuturismo, filmes como Pantera Negra, a ampla participação de negros e homossexuais em papéis principais também um cumprem papel similar.

Durante seu exílio na França, Baldwin conectou o racismo americano ao colonialismo europeu e às lutas africanas (como a independência de Gana). Atualmente os movimentos sociais

inspirados na literatura de Baldwin tem inspirado protestos em Londres, Paris e no Brasil, mostrando que o racismo é um sistema global.

3.9 Baldwin e o debate sobre o antirracismo no século XXI

James Baldwin permanece uma voz fundamental nos debates contemporâneos sobre antirracismo, oferecendo ferramentas críticas para analisar e a visão de alguns autores a respeito de alguns temas decoloniais como: a dispora negra, descolonização do conhecimento. Sua relevância é bastante comum, em especial nos cursos de humanidades (pós e mestrados).

Baldwin denunciou como o conhecimento negro foi sistematicamente apagado na cultura ocidental. "A história dos negros não é contada porque destruiria o mito da supremacia branca" (BALDWIN, 1963). Seus personagens revelam a falácia do "homem universal" branco/europeu como paradigma humano. Insistia que a arte negra não precisava se justificar perante cânones brancos.

Baldwin, embora frequentemente associado ao contexto norte-americano, teve uma visão transnacional da experiência negra, explorando por meio de seu período no exílio como condição diaspórica: Sua vivência na França e na Turquia o levou a refletir sobre a dispersão africana e a busca por pertencimento. A música como memória da diáspora: O jazz e o blues em sua obra funcionam como linguagens de resistência e conexão entre negros nas Américas. A dupla consciência racial: Seus personagens vivem a tensão entre identidade africana e assimilação ocidental, antecipando debates pós-coloniais. Vimos isso no pensamento de Gilroy (1993)

A cultura negra atlântica é, assim, uma contracultura da modernidade ocidental: ela recorda o que a Europa quer esquecer – que sua civilização foi construída sobre o comércio de escravos – e, ao mesmo tempo, aponta

para futuros radicalmente abertos, onde identidades não são fixadas pela raça ou pelo sangue, mas constantemente reinventadas através do encontro, da música e da palavra (Gilroy, 2001, p. 15-17).

Baldwin como escritor tornou-se incisivo na crítica ao racismo e na construção de um antirracismo radical, combinando literatura com ativismo. Sua obra não apenas denunciou o racismo estrutural, mas também apontou caminhos para sua superação, influenciando gerações de pensadores e movimentos sociais.

Baldwin não se limitou a descrever o racismo; ele o analisou com um sistema de poder (não apenas preconceito individual), mas também como ferramenta de dominação econômica e política. Para ele era uma patologia da branquitude (o racista é tão desumanizado quanto a vítima). "O racismo é uma doença dos brancos, e nós [negros] estamos aqui para curá-los dela." (Baldwin, 1963).

5 CONCLUSÃO & PERSPECTIVAS

James Baldwin nos deixou um legado que vai muito além da literatura. Ele foi um pensador, um ativista e, acima de tudo, um ser humano profundamente comprometido com a justiça. Suas obras são um espelho da sociedade americana do século XX, mas também continuam atuais para refletirmos sobre os desafios do século XXI. O racismo, a homofobia, a desigualdade e a exclusão ainda estão presentes em muitos lugares, e a leitura de Baldwin nos ajuda a enxergar essas feridas com mais clareza e empatia.

Para as humanidades, Baldwin oferece algo raro: uma análise crítica feita a partir da experiência vivida, com emoção, inteligência e coragem. Ele não fala apenas de dados e teorias, mas de pessoas reais, com sentimentos reais, vivendo em um mundo injusto. E é justamente isso que torna sua obra tão importante. Estudar Baldwin é estudar o ser humano em sua luta por dignidade, pertencimento e liberdade. É também um convite para repensarmos a

forma como nos relacionamos com o outro e com a sociedade.

As obras de James Baldwin permanecem fundamentais para entender as dinâmicas raciais e sociais não apenas nos Estados Unidos, mas em sociedades marcadas pelo racismo estrutural. Sua literatura transcende o tempo, oferecendo um olhar humanista e combativo sobre a luta por dignidade e justiça. Este estudo demonstra que a força de sua escrita reside na capacidade de expor feridas históricas enquanto aponta caminhos possíveis para a libertação.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos e créditos a instituições de financiamento deverão aparecer no final do texto e antes do item Referências.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lauro Maia (2014). Quando gestos não políticos são políticos a tradução brasileira de Giovanni's room, de James Baldwin, e a questão da homossexualidade. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5012708> . acesso em 22/07/2025

BALDWIN, James. *Another Country*. New York: Vintage, 1993.

BALDWIN, James. *Giovanni's Room*. NY: Dial, 1956.

BALDWIN, James. *Notes of a Native Son*. Boston: Beacon Press, 2012 (edição com nova introdução de Edward P. Jones)

BALDWIN, James. *The Fire Next Time*. NY: Dial, 1963.

CASTRO, C. (Org.). (2022). Para ampliar e diversificar as ciências sociais. Rio de Janeiro: FGV Editora.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine. University of Chicago Legal Forum, 1989, v. 1, artigo 8.

COSWOSK, Jânderson Albino. Cartografias do corpo: disrupções imagéticas do corpo negro em James Baldwin. 2022. 283 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência. 1993. Trad. brasileira: São Paulo, Editora 34, 2001

LEEMING, David. James Baldwin: A Biography. Nova York: Arcade, 2015.

SALVA, Camila (2020). Para James Baldwin somo terra estranha. Disponível em: <https://institutoling.org.br/explore/> . Acesso em 17/07/2025



RELATÓRIO INDIVIDUAL DE TRABALHO Nº 17/2025 - ALE-CTAG (11.02.15.01.08.02.03.01)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 23/10/2025 19:32)

JACYARA CONCEICAO ROSA MARDGAN
PROFESSOR DO ENSINO BASICO TECNICO E TECNOLÓGICO
ALE-CTAG (11.02.15.01.08.02.03.01)
Matrícula: 1933275

(Assinado digitalmente em 22/10/2025 13:56)

VERIDIANA BASONI SILVA
COORDENADOR DE CURSO
ALE-CTAG (11.02.15.01.08.02.03.01)
Matrícula: 1043467

Visualize o documento original em <https://sipac.ifes.edu.br/documentos/> informando seu número: **17**, ano: **2025**,
tipo: **RELATÓRIO INDIVIDUAL DE TRABALHO**, data de emissão: **20/10/2025** e o código de verificação:
ba1e637860